



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS**  
**DEPARTAMENTO DE BIOLOGIA**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**ALICE MANUELA TEIXEIRA ANDRADE**

**ALICE NO PAÍS DA EDUCAÇÃO: buscas por autonomia e autoconhecimento na  
trajetória de vida de uma licencianda de Ciências Biológicas**

**FORTALEZA**

**2023**

ALICE MANUELA TEIXEIRA ANDRADE

ALICE NO PAÍS DA EDUCAÇÃO: BUSCAS POR AUTONOMIA E  
AUTOCONHECIMENTO NA TRAJETÓRIA DE VIDA DE UMA LICENCIANDA DE  
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

A565a Andrade, Alice Manuela Teixeira.

Alice no país da educação : buscas por autonomia e autoconhecimento na trajetória de vida de uma licencianda de Ciências Biológicas / Alice Manuela Teixeira Andrade. – 2023.  
63 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências, Curso de Ciências Biológicas, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva.

1. Autoconhecimento. 2. Autonomia. 3. Narrativa autobiográfica. 4. Formação docente. 5. Trajetórias de vidas. I. Título.

CDD 570

---

ALICE MANUELA TEIXEIRA ANDRADE

ALICE NO PAÍS DA EDUCAÇÃO: TRAJETÓRIA DE UMA LICENCIANDA NA BUSCA  
PELA AUTONOMIA E AUTOCONHECIMENTO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Ciências Biológicas do Centro de Ciências da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientador: Prof. Dr. José Roberto Feitosa Silva

Aprovada em: 04/11/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. José Roberto Feitosa (Orientador)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ(UFC)

---

Profa. Dra. Isabel Cristina Higino Santana  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ (UECE)

---

Profa. Me. Adriana Madja dos Santos Feitosa  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC)

Aos meus pais, Ana Maria e Manoel.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus pais, Ana Maria e Manoel Andrade, que além do cuidado e apoio constante, buscaram em sua própria jornada de vida seguir seus sonhos e quebrar barreiras visíveis e invisíveis para conseguir trilhar um caminho feliz, honesto e comprometido com a transformação social. Se hoje transito na vida pelo amor e a justiça, definitivamente foi por causa do exemplo constante que vocês foram. À minha mãe, agradeço a garra de buscar se conhecer, se encontrar no mundo e lutar contra as injustiças, além do cuidado constante com o meu bem-estar e de minhas irmãs. Ao meu pai, agradeço a honestidade, os ensinamentos e a sensibilidade de perceber o outro como digno de uma vida feliz, além do amor incomparável pela família. Obrigada por abrirem caminho para mim e minhas irmãs quebrando ciclos geracionais antigos e nos permitindo viver uma vida um pouco menos difícil que a de vocês.

Segundo, gostaria de agradecer às minhas irmãs, Alzira e Ester, por sempre estarem comigo, perto ou longe, orando e cuidando de mim quando não pude. À Alzira, agradeço pela força e pela constante inspiração de se manter firme alimentando sempre a esperança de melhora, obrigada por emprestar sua força nos últimos anos. À Ester, agradeço pelo cuidado e pela fidelidade de sempre lutar por dias melhores para nossa família e para mim, por todos os momentos em que entramos no nosso pequeno diverso mundo para fugir da realidade, você sempre foi um abrigo em meio a tempestade.

Devo minha vida à minha avó Fransquinha por ser o maior exemplo de cuidado e amor incondicional e intencional à família. Obrigada por sempre mostrar a importância do amor dentro da família, por nunca desistir de ninguém por mais errada ou problemática fosse a situação. Eu me sinto extremamente transformada pela nossa relação e espero um dia ter metade da sua fé, amor e cuidado com a família.

Agradeço também ao meu namorado, Ryan, que esteve firme ao meu lado durante os momentos mais difíceis da minha vida, não só me suportando, no sentido de dar suporte, mas sendo uma constante no meu caminhar acreditando em mim quando eu mesma não conseguia mais acreditar. Obrigada por sempre enxergar o brilho que existe em mim e por sempre despertar esperança em mim de dias, vidas e sonhos melhores. Obrigada por sempre me escolher, e por me permitir te escolher todos os dias.

Quero agradecer também aos meus familiares por parte de pai, à constante oração e preocupação com a minha trajetória de vida, em especial ao momento de pandemia e conclusão de curso.

Quero agradecer também à minha família por parte de mãe, em especial a minha prima Mariana e meus avós, Antônio e Luiza. À Mariana por sempre alimentar nossa relação com amor e carinho mesmo que distante, mesmo com nossas diferenças, sempre com muita sinceridade e companheirismo. Ao meu avô Antônio, pelo carinho e amor pela família; e à minha Avó Luiza, pela garra “Feitosiana” que ela passou para todas as mulheres da família.

Ao meu irmão mais velho, PRECE, eu agradeço por me estimular a ser uma pessoa melhor, por sempre mostrar para mim que a solidariedade e a comunidade são a resposta para curar o mundo adoecido em que vivemos.

Eu não teria conseguido concluir este trabalho se não fosse a ajuda e apoio constante dos meus amigos. Caseiros, Malaquias, Conas, Bacanos, obrigada por sempre me escutarem, me apoiarem e torcerem pela minha felicidade e minhas conquistas. Vocês alimentam minha esperança todos os dias, seja com uma palavra, uma impressão de um documento, um empurrão para não faltar academia, uma indicação de um livro, ou só de estar junto mesmo quando minhas ansiedades estão grandes demais para fazer alguma coisa.

Aos Malaquias, serei sempre grata pelas nossas merendas entre aulas, conversas, apoio e por me permitirem praticar o amor dentro das nossas amizades. Obrigada pelo sustento emocional durante a pandemia e pelo carinho eterno pela minha pessoa.

Aos Caseiros, agradeço pelo sentimento de estar em casa mesmo que longe, pelas conversas gostosas, difíceis, pelos abraços, pelas palavras de apoio e pelo amor incondicional mesmo quando eu mesma não conseguia estar presente da mesma forma.

Às Conas, agradeço por me permitir sentir o prazer de estar, escutar, conversar, e vivenciar a vida ao lado de grandes e diversas mulheres. O amor entre mulheres cura e valida nossas dores de uma forma que tenho certeza que sou melhor e maior por causa da nossa sororidade.

Aos Bacanos, agradeço por trazerem meus sorrisos de volta, alegrando até mesmo os dias mais difíceis dessa trajetória final de conclusão de curso. Sempre que estamos juntos sinto o *pump* emocional de ter vocês como amigos, e o *pump* físico e todos os nossos rolês fitness.

Agradeço a todos amigues que fiz ao longo da minha trajetória na UFC, por me aceitarem como sou, por despertarem sorrisos e versões de mim que senti prazer em encontrar e vivenciar.

Agradeço à Mirna, pelo cuidado genuíno e por sempre me compreender de forma tão íntima, te sinto como uma irmã de outra vida onde as vezes não é necessária nenhuma palavra para que a gente possa se entender e se acolher, obrigada por estar sempre aqui e por querer estar sempre aqui.

Me sinto profundamente grata ao Professor Roberto pela orientação empática, sensível e tranquilizadora, foi por sua causa que consegui motivação para encontrar valor e significado na minha própria história de vida.

Agradeço à turma de 2016.1 pela abertura e disposição sempre em colaborar, estar junto e compartilhar bons momentos.

Agradeço também a todos professores, monitores, servidores e funcionários que contribuíram direta e indiretamente na minha trajetória de vida, me permitindo ter perspectiva, oportunidade e gosto pela minha vivência no curso.

Agradeço a Universidade Federal do Ceará por todos os recursos e oportunidades de ampliar minha visão de mundo, e ter uma formação profissional.

Agradeço à espiritualidade, meus guias, que mesmo quando o mundo falhou em cuidar de mim, em me dar suporte, ou que falhou em fazer sentido racional, eu pude sentir o amparo e a promessa de uma vida consciente, coerente e cheia de propósito.

Por fim, agradeço a Alice do passado, por nunca desistir da gente, por sonhar sempre com dias melhores, por continuar tentando, até mesmo quando levantar da cama era difícil. Obrigada por ter cuidado de mim o tempo todo, por ter se desafiado a se conhecer e por continuar sempre sensível e amorosa mesmo com tudo ao redor gritando para que eu endurecesse o coração. Eu te amo, e espero cada vez mais mostrar isso para ti.

“Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas sobretudo, com eles lutam.”

Paulo Freire

## RESUMO

Neste presente Trabalho de Conclusão de Curso, o qual utiliza o método de narrativa autobiográfica, a autora revisita as experiências de vida e a importância destas para sua formação docente. Dessa forma, tem como objeto de estudo as vivências que levaram ao autoconhecimento e autonomia guiando um processo de emancipação e construção de propósito que ocorreram desde a educação básica até a criação deste trabalho, no final da graduação. Dentre os objetivos estão: descrever as experiências em que a autonomia e o autoconhecimento estiveram presentes e que promoveram reflexões importantes para a futura docente, dialogando com autores que tenham enfoque semelhante. Ademais, ampliar as perspectivas de formação docente provenientes de um viés autobiográfico. O percurso metodológico foi feito a partir do relato das experiências vividas, interpretando o significado destas na trajetória da autora e analisando os momentos chave que levaram até o presente trabalho. Por conseguinte, a fundamentação teórica é embasada em Lani-Bayle (2008), Josso (2008), entre outros autores, com justificativa do uso deste método de narrativa, objetivando valorizar as pesquisas que envolvem os sujeitos da própria pesquisa, enfatizando a importância destas para o campo da educação. Através da interação entre as diferentes experiências narradas e os autores escolhidos, torna-se evidente a importância das vivências em todos os aspectos da educação superior, destacando também o significado da opção pela carreira docente no contexto atual do sistema educacional brasileiro.

**Palavras-chave:** autoconhecimento; autonomia; narrativa autobiográfica; formação docente; trajetórias de vidas

## **ABSTRACT**

In this present Course Completion Work, which uses the autobiographical narrative method, the author revisits life experiences and their importance for her teaching training. In this way, its object of study is the experiences that led to self-knowledge and autonomy as a tool for emancipation and purpose that occurred from basic education until the creation of this work, at the end of graduation. Among the objectives are: to describe the experiences in which autonomy and self-knowledge were present and which promoted important reflections for the future teacher, dialoguing with authors who have a similar focus. Furthermore, broaden the perspectives of teacher training from an autobiographical bias. The methodological path was based on the report of lived experiences, interpreting their meaning in the author's trajectory and analyzing the key moments that led to the present work. Therefore, the theoretical foundation is based on Lani-Bayle (2008), Josso (2008), among other authors, justifying the use of this narrative method, aiming to value research that involves the subjects of the research itself, emphasizing the importance of these for the field of education. Through the interaction between the different experiences narrated and the chosen authors, the importance of experiences in all aspects of higher education becomes evident, also highlighting the meaning of choosing a teaching career in the current context of the Brazilian educational system.

**Keywords:** self-knowledge; autonomy; autobiographical narrative; teacher training; life trajectories.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### FIGURAS

Figura 1	Banho de Chuva na Comunidade Cipó .....	20
Figura 2	Passeio de Barco com EPC Ombreira .....	24
Figura 3	Grupo de Estudo Bíblico .....	30
Figura 4	Grupo de Estudos .....	33
Figura 5	Quadrilha do PACCE com minha amiga Gabi .....	38
Figura 6	Encontro com Estudantes Universitários da UNILAB .....	41
Figura 7	Gestão Dríade .....	43
Figura 8	Gestão Aimirim .....	44
Figura 9	Apresentação Final Microbiologia Geral .....	46
Figura 10	Confraternização de Natal da Profa Vânia .....	47
Figura 11	Censo Anual Periquito Cara Suja .....	53
Figura 12	I Festival de Aves Migratórias Banco dos Cajuais .....	54
Figura 13	Imersão em Icapuí da Mata Branca Jr. ....	55

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Aprendizagem Cooperativa
ACS	Aprendizagem Cooperativa e Solidária
CEMM	Centro Especializado em Micologia Médica
DA	Diretório Acadêmico
EIDEIA	Escola Integrada de Desenvolvimento e Inovação Acadêmica
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPCs	Escolas Populares Cooperativas
EEEP	Escola Estadual de Educação Profissional
ESEM	Estágio Supervisionado do Ensino Médio
ETMFA	Exposição inicial, Trabalho individual, Meta coletiva, Avaliação
IC	Iniciação Científica
IPI	Igreja Presbiteriana Independente de Fortaleza
LGBTQIA+	Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexuais, assexuais, sendo que o símbolo “+” abarca as demais orientações sexuais e de gênero, representando pluralidade
PACCE	Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis
PRECE	Programa de Educação em Células Cooperativas/Programa de Estímulo à Cooperação na Escola
SEDUC	Secretaria Estadual de Educação
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNIFOR	Universidade de Fortaleza

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>DESENVOLVIMENTO.....</b>	<b>20</b>
<b>3.1</b>	<b>Alice no País da Educação.....</b>	<b>20</b>
<b>3.2</b>	<b>O ENEM e meu primeiro grande obstáculo emocional.....</b>	<b>24</b>
<b>3.3</b>	<b>A escolha pela Licenciatura em Ciências Biológicas.....</b>	<b>32</b>
<b>3.4</b>	<b>Ingresso na Graduação e o PRECE.....</b>	<b>34</b>
<b>3.5</b>	<b>A desmotivação no curso e o encontro com a Microbiologia.....</b>	<b>39</b>
<b>3.6</b>	<b>A rejeição pela Licenciatura.....</b>	<b>42</b>
<b>3.7</b>	<b>Escolhendo a si.....</b>	<b>45</b>
<b>3.8</b>	<b>A pandemia e o reencontro com a Psicologia.....</b>	<b>48</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho intitulado *Alice no País da Educação: buscas por autonomia e autoconhecimento na trajetória de vida de uma licencianda de Ciências Biológicas*, tem por objetivo geral descrever as experiências em que a autonomia e o autoconhecimento estiveram presentes e que promoveram reflexões importantes para a futura docente, dialogando com autores que tenham enfoque semelhante. Como objetivos específicos, construir a minha narrativa de vida, destacando os pontos altos que denotam a busca pelo autoconhecimento; ainda destacar nessa trajetória, elementos que demonstrem autonomia para a busca de si. Com isso, apresento as condições de produção e de existência da minha experiência a partir das seguintes questões de pesquisa que se propõe ser no método autobiográfico, enfatizando uma educação formativa em suas dimensões: como empreendi minha jornada em busca do autoconhecimento? E Como se deu o processo de busca pela minha autonomia?

Paulo Freire ressalta que “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 2018, p. 47). A partir desse pensamento, compreendo que a escola transformadora é aquela que cria possibilidades para a formação de líderes estudantis que podem caminhar lado a lado com o professor, ambos parceiros da aprendizagem.

A educação tem potencial para ser uma ferramenta poderosa de mudança e tomada de consciência na vida das pessoas. No entanto, esse potencial tem sido minado no ensino formal pela insistência na metodologia de ensino tradicional, meramente expositivo, presente em sala de aula e a recusa de uma reforma significativa na sua estrutura de funcionamento, a fim de acompanhar as mudanças que a sociedade vem passando.

Na década de 90 houve uma grande reforma educacional organizada por diversas lideranças econômicas da época, em especial Estados Unidos e ONU (De Freitas 2018). No entanto, De Freitas (2018) afirma que os objetivos por trás dessa reforma eram muito mais motivados pela falta de mão de obra de trabalho qualificada para acompanhar os avanços tecnológicos que ascendiam ao final do século XX e início do milênio, deixando clara a intenção capitalista. Com isso, não podemos dizer que temos

uma sociedade amparada no quesito educacional, pois não há propósito real em educar de forma integral o ser humano. Então como podemos fugir do cenário em que somos meramente mão de obra de um sistema tão desumanizador? Como ter uma prática docente que além de integral também seja emancipatória, em que o educador e seu educando estejam cientes e responsáveis pela vida que escolhem ter?

Freire (1996) em “Pedagogia da Autonomia” relembra da exigência do respeito à autonomia do ser educando na prática docente, sendo este respeito um imperativo ético e não um favor que nós professores damos ao aluno. A posição que se encontra o educador, exige que a capacidade que o estudante possui para decidir sobre aquilo que julga ser o melhor para si, ou seja, sua autonomia, continue sendo respeitada e estimulada durante sua prática, a fim de que se torne uma ação constante no aluno para além da vida escolar.

O formato de aula mais utilizado pela população inserida no dia a dia escolar, é na maior parte de tempo expositiva. De forma que o professor usa seu tempo de aula expondo, por meio da fala ou leitura de um material, o conteúdo escolhido para que o “aluno” receba essa informação de maneira passiva sem poder escolher a respeito do que gostaria de aprender e de que forma gostaria que esse aprendizado acontecesse.

O que se pode esperar de um ensino que trata seus estudantes como seres “sem luz”, sem autonomia, sem protagonismo, sem criticidade? Os formados pela escola acabam saindo como pessoas com essas mesmas características citadas, sendo até incentivadas pela instituição escola. Como que se espera transitar no mundo atual de forma funcional, trabalhando, lidando com imprevistos, se sustentando e cuidando de forma integral da própria vida, se as ferramentas necessárias para fazer isso não foram aprendidas, sendo até mesmo desencorajadas no local de formação? Como desenvolver adultos conscientes, proativos, protagonistas, emocionalmente estáveis, se na escola não se incentiva tais traços? Como que é esperado do professor o ensino de tais características, se ele mesmo, vítima do sistema, também não teve a oportunidade de desenvolvê-las?

As mudanças necessárias para que exista um ensino de qualidade, que prepare todo estudante para o mundo e para suas constantes transformações, que incentive características verdadeiramente benéficas para o indivíduo e para o mundo no

qual o estudante está inserido, que incentive autoconsciência e, ao mesmo tempo, consciência de mundo; são sistêmicas. São mudanças que, para que aconteçam de forma mais significativas, não podem ficar somente no campo individual, nas mãos de uma só pessoa ou grupo, seja político, seja militante, seja empresarial; a mudança que nossa educação precisa só virá a partir de uma reforma completa na estrutura educacional do Brasil, em que a prioridade seja o desenvolvimento do ser para além do mercado de trabalho.

Está cada vez mais claro o quão insustentável o ensino público brasileiro está. De acordo com Moreira e Rodrigues (2018) professores com síndrome de burnout, desmotivados com sua atuação, às vezes, lidando com depressão, ansiedade e adoecimentos mentais, no geral, tais coisas são os principais motivos de afastamento das atividades de docência.

Freire (1996) diz que, como seres conscientes, não podemos fugir da responsabilidade ética ao transitar no mundo, de forma coletiva. Dessa maneira, é imprescindível que o professor encontre perspectiva e significado na sua prática, para que ele consiga se sustentar na educação e, ao mesmo tempo ser agente de mudança, mesmo que, inicialmente, a nível individual, a fim de que no futuro se torne possível uma real mudança a nível sistêmico.

Nenhuma transformação ocorre da noite para o dia, somente a partir da decisão de mudar. É necessário vivência, erros, conhecimento a respeito de ações tanto individual quanto coletivas que alimentam tais características/situações negativas na vivência escolar, e análise sobre o que sustenta elas no dia a dia. A partir disso o autoconhecimento é imprescindível ao professor na hora de realizar a sua prática. Entender seus gatilhos, suas motivações, o que é conteúdo emocional seu, o que é conteúdo emocional do aluno, o que causa prazer ou dor, buscando sempre se compreender como pessoa no mundo atual, se desconstruindo e, principalmente, se reconstruindo no melhor que pode ser com as ferramentas que possui.

A partir do momento em que se pratica isso, é possível então ser agente de mudança tanto em si quanto no estudante, ao mostrar pela vivência os benefícios da autonomia para se conhecer e reconhecer como ser no mundo. Neste contexto, me insiro nesta narrativa como futura educadora praticante do autoconhecimento e autocura,

estudante de um curso de formação de professores, cheia de anseios, preocupações, expectativas com o que percorri e com o que farei a partir da finalização da etapa formal de uma licenciatura.

Assim, o que busco neste trabalho é discorrer a respeito de experiências de vida que me levaram a acreditar que a autonomia e o autoconhecimento são movimentos importantes de transformação no processo educativo de cada indivíduo, tanto estudante quanto professor. Em que situações vividas por mim, a autonomia se fez presente? A autonomia ou autoconhecimento unicamente, poderia trazer essa mudança no processo educativo? Onde as diversas disciplinas de um curso de Ciências Biológicas se inseriram na minha percepção do ser-docente? Somente a vivência na graduação desencadearam essas indagações?

Utilizarei, portanto, da abordagem da narrativa de história de vida, buscando narrar e analisar eventos, etapas, vivências que me permitiram chegar até aqui e iniciar o processo de tomada de consciência e de transitar no mundo, e eventualmente na vida profissional, de forma proposital, política e crítica. A fim de, revivendo minhas memórias, extrair sentidos de interpretação para uma futura ação docente.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICO

Importante iniciar pontuando que, embora o método biográfico tenha sido deixado de lado por grupos de pesquisa científica, em que consideram o racional acima de tudo, não cabe o desânimo em escolher o método de pesquisa planejado, por entender que a experiência por si só é válida como objeto de estudo, pois se existiu, se aconteceu, se foi vivido, é fato; talvez não exista compreensão completa do que influenciou, alimentou, tais vivências, mas sua existência por si só se valida. Desde a década de 1980 e de lá para cá, várias pesquisas nesse âmbito têm demonstrado que o método biográfico é autônomo cientificamente e se mostra bem mais instigante quando há real interesse por uma pesquisa séria e ética de acordo com as leis da ciência.

Lani-Bayle (2008) dispõe um trajeto curto do nascimento do método das histórias de vida, inicialmente, como corrente de pesquisa e reflexão na área da sociologia, e só depois no campo da formação. Segundo a autora, essa abordagem surgiu no final do século XIX. A autora fala que na Alemanha, Wilhelm Dilthey fincou as bases teóricas do método biográfico, fazendo distinção, ressaltando que as Ciências da natureza seriam mais de (explicação) e que as Ciências do espírito seriam mais de (compreensão). Ela ressalta também que a Escola de Chicago, atuante entre 1915-1940 foi responsável por criar as histórias de vida a partir do estudo de Thomas e Znaniecki, em 1918. Ademais, de 1930 a 1970, o método permaneceu invisível pelo fato da ciência se posicionar fortemente na tendência de quantificar os fatos sociais, acredito que por uma desvalorização dos aspectos sociais-emocionais que atravessam a existência humana, e uma supervalorização do aspecto racional como único caminho para a verdade.

Lani-Bayle (2008) explica que de modo simultâneo, a metodologia autobiográfica inicia seu percurso para se consolidar como ciência a partir dos anos de 1950, na Itália, com os trabalhos de Franco Ferrarotti; no México, com a obra *As crianças de Sanchez*, de Oscar Lewis, apresentando um estrato social através de uma família do interior, em meados dos anos de 1960; na França, com Daniel Bertaux. Ainda assim, foi só nos anos de 1980 que essa teoria metodológica abrangeu uma parcela estimada de

grupos de pesquisas. Desse modo, a abordagem recebe o respeito em vários campos das Ciências Sociais, expressamente, em Sociologia Clínica e Ciências da Educação.

A autora ainda destaca que a metodologia segue a visão combativa da geração de 1968, que dissidia com o processo histórico dos únicos grupos dominantes privilegiados e combatia em oposição a supremacia da quantidade de ciências que se diziam humanas, nesse tempo. Para fecharmos esse trajeto histórico da metodologia das histórias de vida e formação, Lani-Bayle (2008) pontua que os pesquisadores práticos vêm se juntando em grupos e redes desde 1983. Diz ainda que, no âmbito internacional, surgiu em 1991 a *Associação Internacional das Histórias de Vida em Formação* (p. 297-300). No artigo citado, ela afirma que

[...] se o procedimento biográfico permite construir e conquistar a sua história narrando- a e dando-lhe forma, formar-se -, ela dá acesso também à [...] dimensão da anterioridade pela importância conferida ao genealógico, na gênese da pessoa, tanto pessoal quanto cultural. Desse modo, introduzo o que denomino de *clínica narrativa*, via [...] “história de vida genealógica” e “geracional” ou “geradora”, que assim categorizei [...] (Lani-Bayle, 2008, p. 297).

Acerca do texto referenciado, tive a impressão de que a autora enfatizava mais o âmbito mais introspectivo, psicológico, com um olhar mais, terapêutico, no entanto, a pesquisadora descarta essa opção. Ela diz não haver objetivos para se usar as histórias de vida como via de análise clínica com interesse em cuidar, sarar as feridas psicológicas, porém, no propósito (trans)formador. A partir do momento em que se analisa e estuda a própria história ou do outro, podemos identificar caracteres, comportamentos, ciclos, semelhanças que nos conectam como espécie humana. A cultura geracional passada de pais para filhas, quase como uma genética cultural, muitas vezes é mais palpável a partir de uma ciência mais subjetiva e sensível que enxergue também as nuances socioemocionais da existência humana e não somente ações que falam mais sobre o fim e esquecem do início e meio que levaram a esse fim.

O livro de Ferraroti (2014) nos ajuda a compreender esse percurso de alicerçar as questões teóricas e metodológicas do método biográfico como uma teoria forte e vibrante que tem potencial para obter descobertas científicas. Essa metodologia das narrativas de si mostra sua relevância por meio da visão de que o pesquisador é um

indivíduo não dissociado do seu objeto de pesquisa e de tudo que o circunda: a sociedade e as relações sociais nela existentes.

Com isso, não é estranho que possamos ser o nosso próprio objeto de pesquisa, de análise, já que somos seres repletos de tudo que compõem os propósitos pessoais, profissionais e sociais. Ao interagirmos na sociedade, somos seres interdependentes e agimos e interagimos o tempo todo em nossas trajetórias de construção de nós e do outro. Dessa forma, vejo que a análise das narrativas autobiográficas nas pesquisas educacionais é inovadora e valiosa por não isolar os agentes de pesquisa e seus objetos, mas trazem a ideia de que nada pode ser estudado, comparado de modo isolado, mas de forma interdependente porque tudo no planeta terra está conectado e/ou de alguma forma relacionado.

Marie-Christine Josso em seu livro *Experiências de Vida e Formação* (2004) me trouxe uma identificação muito forte por me levar a imaginar algo que simboliza o “caminhar para si”. Percebo esse fato na história de vida de cada ser, como uma ideia, um ideal, um percurso que se inicia e se conclui em cada um, de modo autorreflexivo. Vejo esse olhar para dentro de si, em busca de autointerpretação, que ressignifica de fato no espaço-tempo presente. A respeito disso a autora diz:

[...]. A imagem utilizada do “caminhar para si” [...] foi escolhida como sendo a que melhor pode condensar as várias ideias que estão no centro do nosso questionamento sobre a formação, [...]. A escolha de um verbo sublinha que se trata, [...], da atividade de um sujeito que empreende uma viagem ao longo da qual ela vai explorar o viajante, começando por reconstituir o itinerário e os diferentes cruzamentos com os caminhos de outrem, as paragens mais ou menos longas [...] do caminho, os encontros, os acontecimentos, as explorações e as atividades que permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário de sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. [...], ir ao encontro de si visa à descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um. [...] a imagem sugere igualmente a questão temporal e um processo: no caso presente, um processo de conhecimento de si mesmo que tem início a partir de todas as pré-concepções que nos habitam no momento em que empreendemos o caminho biográfico. É este o caminho que, de etapa em etapa, de elaboração em elaboração, favorece a atualização destas mesmas pré-concepções. [...]. (Josso, 2004, p.58).

A partir disso, é possível ver que todos nós trazemos para o coletivo o nosso DNA, o nosso nome, nossas diferenças, nossos costumes familiares, pessoais e também

no grupo social ao qual pertencemos. Essa experiência pode ir gerando coisas novas, pela proximidade no espaço das relações sociais. De acordo com Josso (2004) e com o sociólogo francês Bordieu (2011), as abordagens das histórias de vida e formação nos fazem perceber que agora não são somente vontades particulares, privadas, mas vontades coletivas e unidas socialmente.

Sobre a aprendizagem empírica, Josso (2004, p.39) diz que “aprender pela experiência é ser capaz de resolver problemas dos quais se pode ignorar que tenham formulação e soluções teóricas”. Mais à frente, ela destaca que “se a aprendizagem experiencial é um meio poderoso de elaboração e de integração do saber-fazer e dos conhecimentos, o seu domínio pode tornar-se um suporte eficaz de transformações” (Josso, 2004, p. 41). Esse ponto de vista da autora, da base para a experiência formadora apresentada nesse trabalho.

### 3 DESENVOLVIMENTO

#### 3.1 Alice no País da Educação

Inicialmente, destaco os episódios mais significativos de minha trajetória de vida e formação. Desde criança apresentei características de personalidade mais curiosa, gostava de observar o ambiente ao meu redor e exercitar meu caráter perceptivo e interpretativo a respeito dos elementos que eu percebia. Isso se fazia presente principalmente quando nas viagens semanais de família, ao interior de Pentecoste, na comunidade do Cipó, onde me via passando meu tempo explorando o espaço da fazenda do meu avô Arão, subindo em árvores, tomando banho de açude, riachos, chuvas. A natureza me instigava, me inspirava, e me fazia sonhar com uma liberdade utópica que toda criança em algum momento da infância, ingenuamente, almeja.

**Figura 1 - Banho de Chuva na Comunidade Cipó**



**Fonte: Manoel Andrade, 2000.**

Essas características fizeram e fazem parte de mim, e em algum momento ao longo da minha trajetória de vida, elas acabaram “adormecidas” nesse âmbito da natureza, e mais presentes no quesito social. Tive uma infância atravessada pela timidez extrema, em que qualquer embate ou conflito social me causava ansiedade e desconforto

emocional. Em um dado momento, inconscientemente, fui percebendo a necessidade de investir nesse lado, tanto para melhorar a convivência familiar quanto para evitar me sentir tão vulnerável com pessoas fora desse núcleo. Me vi então observando, analisando, percebendo minhas relações e dos outros para conseguir desenvolver melhor esse aspecto que até então era tão difícil para mim.

A escola que eu estudava não chegou a estimular um desenvolvimento social em mim, em parte pela quantidade de alunos em sala de aula, entre 30 e 40, o que dificultou um acompanhamento mais individual dos professores comigo. Além disso, externamente, eu era percebida como uma criança mais fácil de lidar pela grande timidez e dificuldade de reagir aos meus desconfortos, raramente confrontava ou questionava meus pais e professores. De acordo com Miller (1997), crianças mais sensíveis muitas vezes tem sua demanda psicossocial negligenciada pois escondem partes de si vistas como “desagradáveis”, e mostram um falso *self* somente com o esperado para evitar decepcionar, o que pode ser interpretado como obediência.

Ao retornar a essas memórias, posso perceber a presença de uma autonomia na busca para lidar com um sofrimento emocional que na época eu não tinha consciência de sentir, mas que partiu de mim a iniciativa de mudança. No entanto, acredito que iniciar esse processo de mudança ainda criança e sem acompanhamento adulto, acabou me afetando um pouco negativamente a longo prazo, pois acabei supervalorizando o outro em detrimento do eu, que eventualmente abordei e continuamente busco ressignificar em terapia. Apesar disso, eu pude também desenvolver um olhar empático e compreensivo sobre o outro, o que permitiu me aproximar e acessar emocionalmente as pessoas com mais cuidado e mais atenção, algo que me acompanha até hoje.

As viagens semanais ao interior de Pentecoste tinham um objetivo para além da visita familiar. Filha de educadores e militantes na educação, o retorno à Comunidade Cipó - morada do meu avô Arão e avó Francisca, carinhosamente chamada de Fransquinha – era realizado com o propósito de ajudar estudantes nas comunidades rurais próximas de Pentecoste, a estudarem entre si para prestar o vestibular, concorrer a uma vaga na universidade e com isso ter uma oportunidade de mudar de vida, e este era o Movimento PRECE.

O PRECE, que antigamente remetia à Projeto Educacional Coração de Estudante, iniciou em outubro de 1994 como uma ideia. Meu pai, Manoel Andrade, na época, além de professor universitário, também atuava como treinador de um time de futebol pequeno da região, onde participavam de alguns torneios. Após um jogo muito decisivo ser prejudicado por conta de questões políticas da região, ele percebeu a necessidade de ajudar os jogadores a buscarem para si uma oportunidade de mudar suas realidades por meio da educação. Como ele mesmo, meu pai, havia passado por uma experiência educacional transformadora a partir de um grupo de estudos pré-vestibular, ele buscou as ferramentas ao seu alcance para oferecer essa experiência aos jogadores que então se reconheciam estudantes.

Inicialmente, eram sete estudantes fora da faixa etária escolar, que se reuniam em uma casa de farinha abandonada. Meu pai, aos finais de semana, levava os materiais necessário para trabalhar os conhecimentos do vestibular, sua sabedoria e incentivo para semear a motivação nesses estudantes. Não demorou muito para que um deles conseguisse adentrar na vida universitária, e isso foi a faísca necessária para fazer crescer a chama da esperança no coração dos outros estudantes. Quem passava na universidade, voltava aos finais de semana para ajudar os outros que ainda não haviam passado, com dicas, aulas, perspectivas e mensagens de esperança. O projeto então começou a crescer, ficar famoso na região, e o movimento de sair dos interiores para a cidade de Pentecoste para estudar, inverteu-se; agora havia pessoas saindo da cidade para os interiores com objetivo de estudar para o vestibular.

Essa história aconteceu simultânea e entrelaçada à minha própria vida. O retorno à Comunidade Cipó durante os finais de semana me acompanhou até meus 22 anos de idade, inicialmente como expectadora e eventualmente como atuante no movimento.

Por muito tempo, não consegui compreender a força que aquele movimento social tinha. Ressenti muito sua existência pelo que senti estar perdendo ao longo da infância e adolescência. Nos finais de semana eu não podia ficar em Fortaleza para estar com meus amigos da escola, ou na casa da minha outra avó Luiza, em que eu podia brincar com meus primos e ter uma infância que eu considerava normal. A maioria do tempo livre do meu núcleo familiar era utilizado para o PRECE e quaisquer demandas

que surgissem dele, afinal era um movimento que tinha apoio financeiro inconstante, quando tinha.

Quando criança sentia um membro fantasma na minha família, que recebia toda a atenção, energia e apoio incondicional, mas que não tinha corpo físico para que eu depositasse minhas frustrações em cima dele. Eu tinha uma percepção a respeito do PRECE como de um irmão mais velho, que dava um senso de propósito à vida dos meus pais, perfeito, estimulante e menos trabalhoso do que eu. Lembro de forma bem vívida o sentimento de frustração e troca que atravessava meu coração sensível de criança, quando sentia que precisava renunciar alguns aspectos da minha vida pela manutenção do PRECE.

Eventualmente, enquanto crescia, foi ficando mais claro que a presença desse irmão não iria desaparecer, ao ponto que não se pensava mais no que estava sendo deixado de lado, somente no que era preciso ser feito para continuar o legado do movimento. O fantasma não era mais um fantasma, era uma presença real que tinha corpo físico em todos os estudantes que faziam parte dessa história.

Com o passar do tempo, minha relação com esse irmão mudou, afinal toda relação tem seus altos e baixos. O PRECE me deu uma perspectiva de vida que eu dificilmente conseguiria de forma tão sutil e natural. Sendo filha de um professor universitário e professora do ensino básico, a minha condição social era boa, nunca me faltou cuidado, roupa no corpo, comida, escola de qualidade, brinquedos, oportunidades de desenvolvimento. Minha convivência durante a semana muitas vezes, era com pessoas de condições semelhantes à minha. Dessa forma, é muito fácil perder a noção de algumas desigualdades e não desenvolver uma consciência de classe, mesmo que não muito aprofundada por mim na época.

Havia uma variedade grande de pessoas que passavam pelo movimento, pessoas mais novas ainda na escola, outros que não haviam concluído estudos nem mesmo do fundamental, tinha pai estudando com filha – que eventualmente conseguiram ingressar juntos na UFC – todos inspirados por exemplos anteriores e motivados a buscar uma vida diferente para si. Tive a oportunidade de conhecer a grande maioria dessas pessoas, ser ensinada por elas, ter amizade com elas, aprender diferentes hobbies,

escutar diversos conselhos, e fui engrandecida de tal forma que dificilmente eu estaria tão focada em ser agente de mudança social hoje em dia, se não fosse por isso.

**Figura 2 – Passeio de Barco com EPC Ombreira**



Fonte: Manoel Andrade, 2007.

É importante salientar que essa percepção a respeito do que aprendi com o PRECE me veio mais recentemente na vida. Ao longo da minha adolescência e início da vida adulta me distanciei do projeto, e apesar de admirar e acreditar na importância dele, eu não sentia que tinha algo a oferecer para fazer parte.

### **3.2 O ENEM e meu primeiro grande obstáculo emocional**

Anos de ensino médio e um relacionamento codependente depois, me deparei com o que eu presenciei durante toda a minha vida por meio do Movimento PRECE, uma prova para testar meus conhecimentos e a busca por uma vaga na Universidade Federal do Ceará. O vestibular não existia mais, e agora a prova era diferente, mais interpretativa, mais cansativa e bem mais acessível.

Logo no segundo ano do ensino médio, em 2012, por incentivo do coordenador da escola, decidi realizar a prova para testar meus conhecimentos. Não me preparei muito para o dia, por algum motivo que não consigo acessar, não me preocupava tanto

com o resultado. Sempre fui uma aluna fácil de compreender conteúdo, e apesar da pouca disciplina para estudar em casa se eu prestasse atenção no que era dito pelos professores eu conseguia lembrar facilmente durante uma prova. No dia da prova, ainda no segundo ano, por mais que no ensino médio as disciplinas não fossem mais tão simples e minhas notas não tão boas, consegui tirar uma nota melhor do que quase todos os estudantes do terceiro ano da escola em que eu estudava.

A nota me deu uma falsa confiança de que mesmo sem me dedicar muito, eu conseguiria entrar na universidade e no curso do meu interesse, que na época era Psicologia. Eventualmente, isso se provou um equívoco, não estive atenta para todas as variáveis que poderiam interferir no meu bem-estar ao estudar e realizar a prova do Enem, e recebi pouco auxílio escolar nesse aspecto.

O ano de 2013 já iniciou muito desafiador para mim, em fevereiro sofri um término de namoro, o primeiro amor, em que dois anos de companheirismo foram por água abaixo por conta de muita co-dependência e saúde mental negligenciada. Eu fui uma adolescente muito sensível, principalmente em casos em que eu estava decepcionando ou sentindo rejeição. A timidez que antes me atrapalhava, agora tinha outra cara, uma necessidade quase patológica de agradar as pessoas importantes do meu círculo social.

Essa combinação de características acabou interferindo diretamente na forma de me relacionar romanticamente, e rapidamente me encontrei dependendo emocionalmente do meu então namorado da época. Apesar de ser um relacionamento relativamente normal, eu tinha muito sofrimento emocional negligenciado e acumulado por anos, o que me levava a muita ansiedade e a sensação de nunca estar feliz e satisfeita. Não à toa, foi o término de namoro mais difícil que tive até hoje, levei anos para sofrer, processar, entender e superar.

O tempo que levei para passar por esse término, eram os que eu deveria estar estudando e investindo nos meus conhecimentos para realizar o exame nacional. No entanto, eu já não tinha mais a mesma energia para prestar atenção nas aulas como antes, muito menos para estudar em casa, ou sequer pensar no assunto em questão. Obviamente o resultado disso tudo não foi muito bom, e apesar de eventualmente superar esse namoro, não me dediquei tanto ao aspecto acadêmico/profissional da minha vida e

tive uma nota no Enem muito inferior à do ano anterior, acabando com as minhas chances de entrar na UFC em 2014.

Quando retorno às memórias deste período da minha vida, percebo ele como o momento em que parei de acreditar na minha capacidade acadêmica, eu já tinha algumas inseguranças e medos, mas a partir do meu último ano do ensino médio essa insegurança se tornou quase palpável. Depois disso, estive numa batalha constante com a minha autoestima intelectual e com uma falta de confiança em mim mesma tão grande que até minhas vitórias perderiam um pouco o gosto.

Acredito que neste período de conclusão de ensino médio é muito propenso que o formando acabe desenvolvendo muitas crenças a respeito de si, afinal, Rogers (2003) fala do nosso *self* como resultado da nossa interação particular com o ambiente e com a interação valorativa com os outros. Quando se conclui com bons resultados, naturalmente se passa a crer em si mesmo de forma mais positiva, e o mesmo acontece na situação inversa.

Apesar de, em nenhum momento, eu pensar em desistir de investir em mim mesma profissionalmente, as crenças que desenvolvi naquele período foram de certa forma limitantes. Sem perceber que fazia isto, fui diminuindo minhas expectativas e sonhos, sem desistir completamente de tudo, mas também sem tentar com muito esforço.

Foi com essa mentalidade que iniciei o ano de 2014, muito desmotivada, sem disciplina de estudo ou autocuidado. Desde o 3º ano do ensino médio que queria cursar Psicologia na UFC, o assunto era do meu interesse desde que me conhecia por gente, mas era uma vontade fraca, sem muito propósito ou visão de futuro, eu não tinha um projeto de vida e me conhecia pouco demais para dar sentido a esse meu interesse. Não é difícil imaginar o que se sucedeu dos primeiros meses após concluir o ensino médio, sem emprego, sem uma rotina de estudos, sem orientação adequada e sem companheiros de classe, eu acabei procrastinando e me desmotivando muito.

A procrastinação acabou se tornando um vício, e por conta disso eu era acompanhada por um sentimento de culpa constante por ter “preguiça” e não estar conseguindo fazer o que eu “deveria” estar fazendo. Coloco a palavra entre aspas, pois apesar de sentir isso em 2014, hoje tenho uma visão bem diferente dos motivos que estão por trás do ato de procrastinar como hábito. Wohl *et al.* (2010) já falava sobre a relação

que existe entre sofrimento psicológico, desregulação emocional e procrastinação, destacando a complexidade que envolve o comportamento de procrastinar. A partir disso, enxergo muito mais como sintoma de que o aspecto emocional da minha vida não estava regulado e em congruência com meu verdadeiro eu, do que como ação individual consciente.

O primeiro semestre do ano passou correndo, os dias eram rápidos, repetitivos e com poucos momentos que me fizessem sentir que estava dando sentido à minha vida. Estar em casa, sem amigos, sem saídas e somente com a presença da minha família, passei muito mais tempo comigo mesma do que estava acostumada. Lamentavelmente, eu desconhecia os fatores que estavam influenciando o meu adoecimento mental, e acreditava verdadeiramente que o sofrimento emocional, a autocobrança e a culpa iriam em algum momento me fazer despertar para a vida e começar a estudar. Eu alimentava pensamentos negativos de forma inconsciente e constante, e minha saúde mental, que já não era tão saudável, piorava cada vez mais.

Quando metade do ano já havia se passado, comecei a me desesperar e acreditar que talvez eu não fosse “despertar” tão cedo. Coincidentemente, nesse período, dois amigos que concluíram o ensino médio comigo, Beatriz e Cláudio, me convidaram para tentar uma bolsa no cursinho Christus próximo ao Shopping Benfica, e mesmo não estando mais tão próxima dos dois, agarrei aquela oportunidade de sair de casa durante o dia e talvez desenvolver a disciplina que não havia aprendido na escola.

Isso foi um ingênuo equívoco, o cursinho nada mais era do que uma forma de produzir propaganda, onde todas as aulas tinham o foco de colocar pessoas para cursar medicina e beneficiar a marca da escola-empresa. Os assuntos eram atropelados em aulas curtas e atividades puramente conteudistas, sem o menor interesse em trabalhar a matéria de forma crítica - mesmo em tópicos mais políticos que requeriam criticidade.

Não havia nenhum tipo de relação dos estudantes entre eles e com os professores, nenhum tipo de incentivo ao protagonismo ou autonomia. As aulas pareciam mais um espetáculo feito pelos passadores de assunto, com palavras bonitas e divertidas, em que os estudantes eram meros espectadores com a ilusão de estar aprendendo com aquela performance. Aprendi muito pouco nessa parte da minha vida,

tanto de conteúdo quanto de vivência interpessoal, eu ainda faltava disciplina, eu ainda procrastinava, eu ainda me sentia presa e parada no tempo.

A experiência de fazer a prova novamente em 2014 foi insossa, não foi incrivelmente difícil, não foi fácil, não foi desafiadora e senti que muito pouco tinha mudado em relação ao ano anterior. Eu me percebia quase a mesma pessoa que antes, talvez um pouco mais desmotivada e um pouco menos esperançosa. A nota tinha subido uns 20 pontos quando comparada com a do ano de 2013, mostrando um crescimento muito lento e insuficiente para adentrar no curso de Psicologia da UFC. Apesar de ser perfeitamente justificado o resultado que tive, levando em conta meu estado emocional e a falta de direcionamento profissional nesse aspecto, eu não percebi isso enquanto acontecia. Interpretei tudo como fracasso, preguiça e perda quase proposital de tempo.

Embora eu sentisse uma grande urgência em começar a estudar para fazer a prova novamente, eu não sabia de onde buscar motivação. Meu senso de propósito estava confuso, e apesar do interesse em cursar Psicologia, eu não compreendia como me profissionalizar na área poderia afetar minha vida, não somente de forma negativa, mas principalmente de forma positiva.

Eu tentava estudar por não querer mais estar no limbo profissional em que eu estava, e não porque havia feito um projeto de vida consciente e coerente com meus anseios. Turner, Husman e Schallert (2002) falam que a vergonha tem um efeito negativo em cima da motivação e do desempenho acadêmico, o que pode dificultar o estudante de desenvolver ferramentas de estudo eficazes. Eu nunca havia feito terapia para ter noção de como funcionava a profissão e me enxergar nela, eu não entendia minhas demandas emocionais, não sabia quais gatilhos alimentavam comportamentos nocivos, e não tinha a menor perspectiva sobre como trabalhar meu emocional para cuidar da minha saúde mental, ou seja, minha escolha profissional não era segura. Com isso, e com a falta de desenvolvimento real no meu aprendizado, comecei a duvidar dessa escolha.

A falta de uma rotina concreta em Fortaleza me fez estreitar ainda mais os laços que eu tinha com o interior de Pentecoste. Um primo meu, chamado Helder, havia se mudado para a Comunidade Cipó e por mais que não tivéssemos muita proximidade antes disso, acabamos desenvolvendo uma amizade muito forte. Ele compreendia muito

bem meu momento, imagino que por ele mesmo ter passado por algo semelhante, e na sua busca para encontrar significado na vida, ele encontrou respostas no mundo espiritual. Vindo de uma família cristã evangélica, o aspecto espiritual da vida era muito importante para mim, nem sempre pelos motivos mais saudáveis a meu ver, mas ainda assim crucial para o meu desenvolvimento pessoal.

Helder tinha uma visão sobre a espiritualidade bem holística e esotérica, como se ele houvesse estudado várias religiões e de alguma maneira tivesse conectado os pontos. Não sei bem o que nos aproximou durante aquele período, talvez a minha rotina mais presente na casa dos nossos avós, ou as idas a igreja que nossa família costumava frequentar, ou talvez ele só precisasse de alguém para ouvir tudo que ele havia descoberto e eu era a única pessoa ali interessada genuinamente.

Foi a partir da nossa amizade que pude conhecer a espiritualidade de uma forma mais íntima. Juntos, costumávamos meditar, cantar mantras, orar, conversar sobre teorias de como funcionava o universo, sempre alimentando nosso espírito de uma maneira gradual, leve e sem culpa. O que antes eu fazia por medo de ir para o inferno, por culpa pelos meus “pecados”, tal momento eu me via fazendo por interesse genuíno de desenvolver minha alma e alimentar uma paz de espírito. Por mais que eu ainda estivesse constantemente travando uma batalha na minha rotina diária para estudar, o que aprendi com o Helder durante todo o ano de 2015, foi o início de um processo de cura emocional que foi crucial para o meu ingresso na universidade em 2016, e também pra minha vida espiritual atualmente.

**Figura 3 – Grupo de Estudo Bíblico**

Fonte: Foto autoral, 2015.

Em um dado período do ano, também desenvolvi um interesse específico na cultura sul-coreana, que começou a partir das músicas, mas que foi se tornando um desejo de um dia morar na Coreia do Sul. Como eu não tinha pais ricos que pudessem bancar essa vontade, e não tinha perspectiva de conseguir um emprego tão cedo, fui buscando formas mais rápidas de concretizar esse desejo. Então, durante uma pesquisa sobre o país, me deparei com o canal de youtube de uma estudante de engenharia que fazia vlogs sobre seu intercâmbio na Coreia do Sul por meio do Ciências sem Fronteiras, programa do governo que proporcionava intercâmbio para alunos das universidades federais. Aquela garota tinha a vida que eu gostaria de estar tendo naquele momento, e decidi então que tentaria me inscrever no programa assim que conseguisse uma vaga na universidade. No entanto, quando me aprofundei nos pré-requisitos para fazer parte descobri que a área de humanas não era contemplada pelo programa.

Portanto, este foi o empurrão que eu precisava para repensar minha escolha de tentar ingressar na Psicologia. Decidi voltar a me questionar sobre que matérias eram do meu interesse, alinhar com os cursos disponíveis para o intercâmbio pelo governo e fazer minha escolha a partir daí. A Biologia então se mostrou para mim. Eu sempre havia gostado de estudar as ciências biológicas, das poucas vezes que eu estudava em casa

por interesse, quase sempre era biologia. Durante as aulas, mesmo não estando completamente atenta, eu sempre me via respondendo e participando mais quando era esse assunto. Lembro de me questionar como que nunca havia pensado em investir nessa área, já que era um interesse tão genuíno e natural para mim.

Eu ainda queria Psicologia em primeiro lugar, e se eu tivesse conseguido nota para ingressar nesse curso, eu provavelmente o teria escolhido. No entanto, eu já não me sentia mais tão desamparada, minha segunda opção parecia tão boa quanto a primeira e isso me deu um gás para começar a estudar.

Iniciei os estudos com Biologia, e como minha família tinha esse vínculo com o PRECE, recebíamos muitas doações de livros do ensino médio público para serem utilizados no projeto. Uma das coleções de livros que tinha em minha casa era de 3 volumes de Biologia de Amabis e Marthos. Como eu sempre havia estudado por meio de apostilas, a ideia de estudar por meio de um livro me parecia mais interessante por alguma razão. Decidi começar pelo primeiro, naturalmente, de Biologia das Células e gostei tanto que li ele por completo só no primeiro semestre do ano. Todavia, eu não queria estudar mais nada, cheguei a produzir algumas redações a fim de praticar para o Enem, mas estudava muito pouco outros conteúdos e a procrastinação desta parte me fez cair novamente em uma espiral de ansiedade.

Felizmente, meu pai tinha um pouco mais de perspectiva a respeito de limitações emocionais e quais alternativas para lidar com isso sem ficar completamente disfuncional na vida. Desde muito cedo ele foi uma pessoa sensível para o tempo dele, aos nove anos se mudou para Fortaleza para morar com sua avó e tias, para estudar e talvez ter uma oportunidade de mudar de vida. Nossa família, apesar de ter muito cuidado e apoio, nem sempre teve as melhores condições financeiras para amparar nas necessidades básicas, avalie nas dificuldades emocionais que iam surgindo na vida dele. Naturalmente, é muito desafiador passar pela experiência de estar em vulnerabilidade social sem acarretar alguma repercussão emocional negativa na vida. Com isso, ele teve que descobrir por si só as ferramentas que poderiam auxiliá-lo nos obstáculos emocionais para que ele pudesse perseguir seus sonhos e objetivos na vida.

Os cuidados com a saúde física sempre foram de extrema importância para o meu pai, e apesar de não conseguir seguir ou compreender por completo ao longo do

meu desenvolvimento, pude usufruir por meio dele, de uma alimentação e cuidado maior com o meu corpo. Desde cedo fui incentivada a fazer exercício físico e ousou dizer que nasci com uma propensão para isso, fui uma criança ativa e com um gosto pelo movimento. Durante meu ensino fundamental pratiquei semanalmente handebol, e apesar de não perceber em mim os efeitos fisiológicos e emocionais provenientes da prática, hoje percebo que foi de extrema importância para minha saúde mental durante minha adolescência.

### **3.3 A escolha pela Licenciatura em Ciências Biológicas**

Foi com este plano de fundo, quando em 2015, recebi uma proposta do meu pai de participar de um grupo de estudo imersivo durante as férias, atrelando estudo, exercício físico e reeducação alimentar, que decidi aceitar. As pessoas que participavam desse grupo eram minhas irmãs, Alzira e Ester, meu primo Helder, minha prima Cristina, uma bolsista do meu pai, Jéssica, sua irmã e prima, Geciane e Adriana. Todos com diferentes objetivos e perspectivas em relação ao que íamos fazer no grupo, mas que se alinhavam na prática.

A rotina diária do grupo consistia em acordar por volta de seis da manhã, tomar uma vitamina ou suco verde, correr durante 1 hora em volta da Praça Mauá, próxima a minha casa onde todos estavam dormindo durante o período do grupo, e iniciar os estudos por volta de oito da manhã.

Muitas vezes também meditávamos e cantávamos alguns mantras com a ajuda do Helder, para trabalhar o emocional. Decidimos estudar Biologia e Química por conta da conexão entre os dois conteúdos e pela experiência que o meu pai tinha, por ser professor de Química Orgânica na Universidade Federal do Ceará.

**Figura 4 – Grupo de Estudos**

**Fonte: Jéssica Almeida, 2015.**

O PRECE já estava perto de completar 21 anos de existência e muita coisa tinha evoluído. A prática que antes era realizada de forma mais rústica e intuitiva, agora tinha fundamentação teórica, principalmente a partir dos irmãos David e Roger Johnson, que já pesquisavam sobre aprendizagem cooperativa há décadas antes do PRECE existir. Johnson *et al.* (1990), colocavam que havia então cinco pilares que baseavam a metodologia: Interdependência Positiva, Responsabilidade Individual, Habilidades Sociais, Interação Promotora e Processamento de Grupo. Eles estavam inseridos nas etapas de estudo do grupo: Estudo individual, o repasse do estudado, a realização de uma meta coletiva decidida previamente e de uma atividade individual.

Esses pilares estavam presentes na estruturação das nossas atividades, e um deles, sempre muito constante no nosso grupo e que me permitiu desenvolver uma habilidade para lidar com conflitos, foi o processamento de grupo que acontecia no final da sessão de estudos da tarde. Johnson *et al.* (1990) diz que o processamento de grupo pode ser definido como uma revisão da sessão de estudos para descrever que ações foram promotoras ou detratoras do aprendizado e que ações serão realizadas para perpetuar ou mudar tais ações. Não é incomum que um grupo com pessoas, no geral bem diferentes, acabem se deparando com situações em que estas diferenças são evidenciadas, e foi nesse tipo de situação que esse pilar se fez muito presente na nossa equipe.

Mesmo possuindo uma boa relação com todos da equipe, eu entrava em conflito mais frequente do que gostaria com minha prima Cristina. Nossas personalidades eram bem distintas, contrárias uma à outra, eu com um jeito mais combativo, direto ao ponto, e ela com um perfil mais contido, evitando conflitos. O que geralmente durava 20 minutos ou menos em outros grupos que utilizavam a metodologia, nosso processamento de grupo chegava a até 1 hora. Muitas vezes conversávamos sobre ações que atrapalhavam o bem-estar do grupo no geral, que diziam respeito ao comprometimento individual de cada um, maneiras de se comunicar, recusa em fazer algumas atividades, entre outras situações.

Apesar da frequência que tratávamos dos pontos negativos que permeavam as sessões de estudo, o processamento também era um momento de celebração, em que pontuávamos o alcance das metas, o aprendizado de algum assunto considerado difícil anteriormente, a participação mais ativa de um membro mais tímido, ou qualquer evidência de que estávamos aprendendo e promovendo o sucesso do grupo naquele dia. Esse pilar tem me acompanhado desde então em todas as minhas formas de me relacionar, encontrei muito sentido em promover uma comunicação sincera e honesta objetivando a manutenção de uma relação, seja ela romântica, familiar, profissional ou amical.

Outro pilar muito importante para mim foi a interdependência positiva, que de acordo com Johnson e Johnson (1992), consiste na percepção do indivíduo de que está conectado a outro de forma que ele não obtém sucesso se o outro não conseguir. Estava presente, junto com a responsabilidade individual, quando dividíamos conteúdos interligados entre si que, para realizar a meta coletiva e individual corretamente, era necessário que todos repassassem sua parte. A responsabilidade individual, que como o nome já diz, sem o comprometimento individual de cada um, o outro poderia ser prejudicado. Um ótimo pilar para impedir os “preguiçosos” que acabam escorando em alguém.

Foi durante uma dessas atividades que decidi oficialmente cursar Ciências Biológicas e mais especificamente a modalidade da licenciatura. Durante a sessão de estudos da tarde, dividimos o conteúdo e fiquei responsável para explicar DNA mitocondrial para a equipe, um assunto que eu achava muito interessante e já tinha lido

sobre outras vezes. Eu sentia uma vontade imensa de fazer todos ficarem tão maravilhados quanto eu em conhecer esse tópico. A ideia de haver um DNA em nosso corpo proveniente somente de nossas mães, de estar conectada de alguma maneira à uma “mãe” ancestral, me deixava maravilhada.

Dessa forma, a sessão de estudos em questão foi a que mais me dediquei dentre todas as outras naquelas férias, li e reli várias vezes, planejei a melhor forma de fazer todos compreenderem, e tudo a partir de uma sede de compartilhar não somente o conteúdo, mas o sentimento atrelado a descobrir uma coisa completamente nova e mágica. Eu havia entrado numa zona, em que sentia vontade de me esforçar por aquilo e me divertia no processo; sentimento que eu nunca tinha presenciado acontecer comigo daquela forma.

Quando chegou o meu momento de explicar, não foi muito bem como planejei, fiquei um pouco nervosa e apesar de ter aprendido facilmente, alguns integrantes do grupo não acompanharam com a mesma rapidez. No entanto, isso não me desanimou, mesmo fora dos planos, me esforcei para encontrar alternativas para fazer todos compreenderem o que eu queria repassar e só pretendia parar quando todos entendessem. Sendo assim, a sessão acabou durando um pouco mais, mas ninguém desistiu de mim também. Ao final, todos haviam compreendido e compartilhado o mesmo encanto que tive. A partir daquele dia, decidi que seria professora de biologia.

Gostaria muito de dizer aqui que esse momento foi suficiente para me fazer mudar completamente a forma como eu utilizava meu tempo, que a partir de então eu tinha disciplina para organizar meus estudos, que eu já não precisava lidar mais com problemas de procrastinação. Todavia o tipo de transformação necessária para que eu conseguisse mudar a forma como eu vivia minha vida, era uma que não acontece da noite para o dia, uma que requer motivação e mais importante ainda, consistência, características que lamentavelmente eu ainda não possuía.

Mesmo ainda não conseguindo dar o melhor que acreditava ser necessário, eu me sentia muito melhor comigo mesma. O grupo de estudos continuou durante todo o mês de julho, e sinto que se tivesse tido a oportunidade de continuar estudando com aquela equipe até meu ingresso na universidade, eu teria sido ainda mais transformada. Os aprendizados que tive, de conteúdos, de como lidar com conflitos, de como contribuir

com o desenvolvimento de alguém, de como me comunicar, eu carrego até hoje e aplico no meu cotidiano de maneira quase intuitiva.

Durante o segundo semestre do ano, foquei na Biologia e na redação, sem perceber também reduzi a pressão que havia colocado em mim mesma para estudar os outros conteúdos, havia pouco tempo até o dia do Enem, e não tinha noção do que priorizar nas outras matérias. Passava o dia lendo os livros do Amabis e buscava sempre que podia escrever algumas redações, assim o tempo passou cada vez mais rápido até que o final de semana do exame chegou.

Desde o meu primeiro ENEM que eu realizava a prova em Pentecoste. Fortaleza na maioria das vezes estava bem caótica, com engarrafamento, atrasos, escolas distantes. Como minha família tinha um forte vínculo com a educação de Pentecoste e o exame nacional do ensino médio é uma etapa crucial desse meio, seria um final de semana em que a presença na cidade era muito importante para o meu pai e mãe. Então, naturalmente, eu faria a prova novamente em Pentecoste.

Eu nunca havia me percebido estar ansiosa em nenhuma das provas anteriores, ironicamente não me demorava muito em pensamentos ansiosos ou com nervosismos. No entanto, desta vez fui pega de surpresa com alguns sintomas, principalmente enjoo e gases intestinais na noite anterior ao primeiro dia de prova. Mais uma vez recebi ajuda do meu pai, que durante a noite resolveu me levar para caminhar, talvez para liberar esses gases que me causavam dor, mas acredito que também pra conversar, me tranquilizar e exercitar o retorno do foco pro momento e não pro futuro. Pouco tempo depois, já me encontrava melhor, sem dores, com sono e preparada para o dia seguinte.

O momento da prova havia chegado, e fiquei extremamente feliz ao me deparar com o assunto da redação daquele ano que era “A Persistência da Violência contra a Mulher na Sociedade Brasileira”. O feminismo estava ganhando força em mim havia um tempo, por interesse próprio e pela sede em mim por libertação real de influências patriarcais, eu já havia estudado e tinha repertório suficiente para produzir uma redação de qualidade esperada para o exame. A prova em si não estava muito extraordinária, nem para melhor nem para pior, então não estava confiante de tirar uma

nota muito boa, mas também não havia perdido as esperanças, ainda mais com o tema em questão da redação.

O tempo passou e quando recebi o resultado, minhas notas demonstravam uma percepção de conhecimento média/baixa, mas a redação me trouxe uma gostosa surpresa. Eu havia tirado uma nota alta que permitiu que minha nota total subisse e me garantisse uma vaga no curso de Ciências Biológicas na modalidade de Licenciatura na primeira chamada.

Gostaria muito de dizer que foi uma das maiores felicidades da minha vida, mas eu não me permiti celebrar e nem mesmo me sentir realizada com tal feito. Existia um sentimento muito forte de não pertencimento dentro de mim, pois sentia que somente a “sorte” de cair um tema de redação que eu gostava havia me garantido a vaga na universidade, que meus conhecimentos gerais não eram suficientes. Apesar desse sentimento, eu não iria desistir dessa vaga pois ela valia muito mais do que só desenvolvimento acadêmico/profissional, ela era meu passaporte para mudar meu dia a dia, o ambiente, as pessoas, as referências, era minha forma de ter uma vida diferente da que eu tinha tido até então.

### **3.4 Ingresso na Graduação e o PRECE**

Estar deslocada deixou de fazer parte do meu repertório de sentimentos quando participei da semana zero e do processo seletivo do Programa de Aprendizagem Cooperativa em Células Estudantis (PACCE), todo dia era uma chuva de vivências novas com pessoas novas, cada uma com suas peculiaridades e histórias transformadoras, o mundo estava se abrindo para mim. Eu podia tudo, e enquanto eu acreditava em mim realmente podia.

O PACCE era um programa de bolsas que tinha como objetivo dar suporte aos estudantes por meio da criação de células estudantis que utilizavam a metodologia da AC, contribuindo para o aumento da taxa de conclusão nos cursos e para a diminuição de evasão e retenção na formação acadêmica. A seleção era bastante concorrida, havia centenas de pessoas buscando uma oportunidade de bolsa e a partir de um programa tão diverso e acolhedor. Durante as etapas não falei nada sobre meu histórico com o

PRECE e nem com Aprendizagem Cooperativa, pois não queria interferências negativas e nem positivas, e consegui passar.

Continuei no programa por pouco tempo, mas foi o suficiente para fazer amizades, planos e ter vivências maravilhosas também em outros campi além do Pici, como por exemplo a Roda Viva, onde parte da carga horária da bolsa era reservada para os encontros de história de vida, em que nos reuníamos para contar nossa história e ouvir. Uma etapa muito importante da aprendizagem cooperativa, pois ao longo dos anos foi percebido que por meio da escuta e da fala da história de vida que podemos desenvolver empatia para trabalhar em grupo e vivenciar os conflitos de forma positiva.

Outra vivência que foi transformadora para mim foi a Quadrilha do Pacce, que mesmo depois de sair do programa continuei com o grupo até o fim do semestre quando apresentamos. Os ensaios aconteciam nos horários de almoço e em intervalos de aula, e ainda assim foi muito importante para mim porque apesar de melhorar minha timidez ao longo da minha adolescência, eu normalmente não teria confiança em mim mesma para esse tipo de evento. No entanto, no meu primeiro semestre de graduação eu acreditava em mim de tal forma que cheguei até mesmo a ganhar o papel de casal destaque junto ao meu par de dança, algo completamente inesperado por mim.

**Figura 5 – Quadrilha do PACCE com minha amiga Gabi**



**Fonte: Emanuel Portela, 2016.**

Naturalmente, os acontecimentos do primeiro ano de graduação me permitiram enxergar uma parte de mim que eu não conhecia ou não me permitia conhecer. O medo me limitava muito, medo de tomar uma decisão e me arrependeu, medo de errar, medo de acertar e não dar conta do que ganharia; conseqüentemente arriscar nunca foi meu forte. No entanto, o ano de 2016 foi um ano em que o ambiente, as circunstâncias, as pessoas e minha vontade de me desafiar, me fizeram arriscar e me conhecer como nunca antes. Para Brown (2012), a vulnerabilidade é o caminho para uma clareza maior sobre nossos objetivos, e a partir do momento em que o medo de estar vulnerável perdeu sua força, pude me compreender mais como pessoa, meus gostos e desgostos, o que valia a pena investir ou não, que tipo de pessoa me agrada de ter perto, e assim continuei seguindo.

Apesar de gostar da energia e troca que o PACCE me proporcionou quando entrei, o programa não supria meu desejo de ser agente de mudança, de retornar à Comunidade Cipó e de alguma maneira contribuir também para o ingresso na universidade dos jovens da região que eram amigos, colegas de igreja, que mesmo que não estudássemos juntos antes, faziam parte da minha história por meio da espiritualidade. Decidi então transferir para o PRECE, Programa de Estímulo à Cooperação na Escola, que assim como o PACCE era um programa de AC e fazia parte da EIDEIA, o que permitia essa transferência sem precisar refazer o processo seletivo.

Com isso, passei a retornar todos os finais de semana para a Comunidade do Cipó, para agir como facilitadora de uma célula de estudos Pré-ENEM na Escola Popular Cooperativa (EPC) Cipó. As EPCs foram criadas pelo Movimento PRECE - que continuaram o funcionamento a partir do programa de bolsas - e eram formadas por grupos de estudos com o objetivo de ingressar no Ensino Superior, orientadas por monitores/facilitadores, no geral ex-integrantes das EPCs, então graduandos, utilizando a metodologia da AC.

Durante a semana, eu me reunia com outros bolsistas que também atuavam em outras EPCs para trocar experiências, fazer planejamentos e alinhar o conteúdo e materiais que seriam utilizados. Os estudos eram realizados ao longo sábado, na casa do estudante – local onde a história do movimento PRECE iniciou - com a ajuda do Helder

que ainda morava na fazenda e já liderava o estudo bíblico da igreja que acontecia aos domingos. Juntos cobríamos a parte de Ciências da Natureza e Matemática, eu com Biologia e Química e ele com o restante das disciplinas da área. Nosso grupo era composto por alguns estudantes e egressos do ensino médio, que faziam parte da comunidade e que também frequentava a mesma igreja. Por alguns meses mantive esta rotina com o PRECE, planejando na semana, viajando na sexta à noite e aplicando o planejamento nos sábados.

A rotina de voltar a comunidade todos os finais de semana, apesar de um pouco puxada, fazia eu me sentir bem comigo mesma. Eu não era a bolsista mais organizada do PRECE e ainda tinha uma grande limitação referente a procrastinação, mas ainda assim eu conseguia trazer algo todos os finais de semana para o nosso grupo. Nossos encontros nem sempre eram os mais produtivos, mas as trocas que tínhamos ao longo do sábado eram sempre muito divertidas e satisfatórias formando um vínculo que ia além do estudo.

Por um tempo, tudo correu bem, todos pareciam engajados, interessados e comprometidos com os encontros aos sábados. Depois de um tempo, alguns estudantes começaram a faltar e deixar de ir completamente; alguns precisaram trabalhar, outros por falta de motivação de que aquele momento estaria contribuindo de verdade com a própria vida, cada um com seus motivos perfeitamente coerentes com suas realidades. Ainda tentamos realizar um encontro com antigos precistas que estudavam na UNILAB para de alguma forma incentivá-los, mas não fui suficiente. Queria ter mantido a motivação quando os estudantes começaram a sair, para conseguir continuar ajudando os estudantes que ficaram. No entanto, ao ver o grupo pouco a pouco se desfazer, entrei num processo de pensamentos ansiosos que repetia inúmeras vezes que eu não estava sendo boa o suficiente para manter o grupo unido e motivado.

**Figura 6 – Encontro com Estudantes Universitários da UNILAB**

Fonte: Foto autoral, 2016.

Na época, eu não tinha a percepção de que pensamentos não necessariamente seguem a realidade quando eles estão acontecendo, então acreditei no que eu mesma pensava sobre mim. No instante em que acreditei sem relutar, não ser capaz ou não estar ajudando ninguém, eu comecei a desistir do PRECE. Não desisti de forma imediata como é de costume interpretar a desistência; eu desisti aos poucos. Minha dedicação para planejar, aplicar, retornar aos finais de semana, foi diminuindo. Fui desistindo todas as vezes em que eu precisava planejar e não fazia pois de alguma forma acreditava que não faria a menor diferença.

Eu não compreendia o que estava acontecendo naquele momento, pois não me conhecia o suficiente para isso. Não entendia que, desde muito cedo na minha vida, ao me enxergar de forma negativa eu acabava agindo para que tudo o que eu acreditava se tornasse real. Evidentemente, isso não ocorria de forma consciente e planejada, eram mecanismos automáticos que aconteciam de forma tão rápida dentro de mim que eu não conseguia nem mesmo refletir sobre como minhas ações alimentavam os resultados ruins que eu temia tanto que acontecessem.

Ao retornar para essas memórias, penso que se eu soubesse um pouco melhor sobre os meus gatilhos emocionais, sobre a influência dos meus pensamentos catastróficos nas minhas ações e sentimento de autoeficácia; eu teria me esforçado mais

para acreditar em outra versão de mim, e teria estado bem mais tranquila com a desistência de alguns alunos.

O ENEM de 2016 aconteceu e eu e o Helder tentamos dar todo apoio e suporte aos estudantes do grupo que iriam fazer a prova. Fizemos lanches, orações em conjunto, conversas e depois levamos cada estudante para sua escola de prova. Infelizmente, nenhum integrante do grupo ingressou na universidade em 2017 por meio do ENEM.

Eu já me encontrava bem desmotivada em continuar atuando na EPC, e o resultado do exame nacional serviu para consolidar minha decisão de atuar no PRECE de outra maneira. Estava cansada de me sentir mal a respeito de mim mesma por não conseguir fazer a EPC Cipó prosperar, e queria também os finais de semana para mim, algo que eu nunca tive a escolha de aproveitar da forma que quisesse, já que desde criança eu obrigatoriamente voltava à comunidade Cipó.

No início de 2017, recebi a notícia de que não poderia participar do processo seletivo do PRECE pois meu pai era coordenador do programa, e isso se configurava como um conflito de interesse. Por orientação dele, decidi continuar na bolsa somente como voluntária, não queria sair completamente da bolsa pois era o que eu conhecia e era onde eu me sentia valorizada pelo que eu sabia. Eu não trabalhava mais em nenhuma EPC, então juntamente com outros colegas da Biologia que faziam parte do PRECE, criamos o projeto Sertão Caatinga.

A ideia do projeto era que fossemos em escolas públicas ensinar sobre plantas da caatinga de forma mais lúdica, utilizando a metodologia da aprendizagem cooperativa. Tivemos alguns encontros em escolas, mas foi ficando bem desafiador conciliar as percepções sobre o que o lúdico significaria, o grupo tinha uma percepção diferente do meu pai, que coordenava o programa e orientava o nosso projeto com bastante influência. Em determinado momento, acabei me tornando um “porta-voz” do grupo e de certa forma, também acabava escutando as orientações do meu pai antes de todos.

A priori não incomodava, mas eventualmente foi ficando cada vez mais difícil de separar o Andrade orientador do Andrade meu pai. Eu não queria escutar em casa sobre o que ele achava da produtividade do sertão caatinga, ou sobre o que precisava melhorar, ou sobre a motivação dos outros membros do projeto; em casa eu queria sentir que estava no meu local de descanso, e não “trabalhando em home office”. Esses

acontecimentos confirmaram para mim mesma que eu não queria mais continuar no PRECE. Me lembro de me sentir muito mal com a decisão, pois sempre houve o receio de decepcionar meu pai com minhas escolhas, mas sabia inconscientemente que independente do que ele sentisse ou deixasse de sentir, deveria ser eu quem escolheria o que fazer com meu tempo.

Sair do programa me fez focar em me encontrar na Biologia e buscar outras oportunidades de me desafiar, me mostrar, me expressar. Sinto que em partes consegui agir com as oportunidades que surgiram, mas não completamente. No final de 2016 recebi o convite de um amigo, Hipólito, de participar de uma chapa para concorrer ao Diretório Acadêmico do curso. Eu não tinha muita noção do que isso significava, mas me despertou um interesse muito grande de fazer parte disso.

Nós éramos a chapa Dríade, e ganhamos a eleição. Éramos diversos, com veteranos antigos, veteranos intermediários e bichos todos com poder igual de voz dentro da nossa gestão, com opiniões, perspectivas e vivências diversas. Não éramos perfeitos, tínhamos conflitos entre si, com outras pessoas do curso, mas com uma maioria genuinamente comprometida em representar e facilitar a vida dos alunos do curso. A minha experiência com Aprendizagem Cooperativa me ajudou a transitar dentro do movimento estudantil, principalmente com a vivência de conflitos e habilidades sociais desenvolvidas.

**Figura 7 – Gestão Dríade**



**Fonte: Foto autoral, 2017.**

As gestões de D.A. que participei nos anos de 2017 e 2018, por meio da Aimirim, me permitiram continuar alimentando dentro de mim o desejo de ajudar os outros e de ser agente de mudança que havia começado no Movimento Prece. Mesmo decidindo focar no que eu queria e na vida que eu gostaria de ter, ainda dedicava parte do meu dia e energia pensando nas coisas que poderíamos fazer para ajudar os estudantes do curso. Enquanto eu não me encontrava no curso, eu permanecia tentando estimular em mim a rebeldia de buscar mudança.

**Figura 8 – Gestão Aimirim**



Fonte: Foto autoral, 2018.

### **3.5 A desmotivação no curso e o encontro com a Microbiologia**

No curso eu não era a estudante perfeita, se tiver que me definir de alguma forma como aluna, eu me definiria como mediana. Eu tinha potencial para muito mais, mas me faltava disciplina, e a procrastinação não me permitia ir além. Ainda assim, coloquei no meu coração que queria fazer todas as disciplinas de cada semestre respectivo, pois queria terminar no tempo “certo”. Hoje lamento muito essa decisão, pois sinto que fiquei mais focada em ter um bom histórico em vez de experienciar de forma mais prática as oportunidades que o curso oferecia. Eu priorizava fazer todas as disciplinas oferecidas no semestre, em vez de buscar uma iniciação científica, ou

voluntariado, que pudessem me permitir vivenciar diferentes áreas da biologia e enfim escolher a que me fizesse arrepiar.

Percebo que me faltou autoconhecimento durante boa parte do curso para entender o que eu realmente queria dentro das Ciências Biológicas, e não digo somente sobre que área eu gostaria de atuar, mas sobre o estilo de vida que eu gostaria de ter por meio da profissão. Eu não queria só estudar biologia, eu queria vivenciá-la. Com uma história de vida atravessada pelo medo de viver, mais que nunca meu desejo era, e ainda é, viver. Naturalmente, ao deixar de vivenciar a biologia e passar a focar em *passar* nas disciplinas, eu fui perdendo um pouco o encanto pelo curso e poucas áreas me deixavam genuinamente entusiasmada.

Uma dessas áreas foi a microbiologia. É quase unânime no curso o quanto a disciplina de Microbiologia Geral, ofertada pela professora Vânia Melo, é inspiradora. O semestre em que minha turma fez a disciplina, foi o primeiro em que a professora implementou as provas curtas semanais em vez de somente uma ou duas provas durante o semestre. Algumas pessoas chegaram a preferir o formato antigo, mas eu não poderia estar mais longe dessa opinião. Com minha tendência a procrastinar meus estudos, essa metodologia funcionou muito bem comigo pois me forçou a encarar o conteúdo constantemente já que semanalmente eu seria avaliada.

Além disso, fomos divididos em duplas, e cada uma recebeu uma bactéria isolada por estudantes do semestre anterior para estudar, conhecer suas características e testar sua resistência a antibióticos. Aquela foi a primeira vez que me senti uma cientista de verdade. Foi por meio daquela bactéria e da curiosidade de compreender tudo sobre ela, que eu aprendi sem muitas dificuldades, algo raro para mim até então. Ao fim do semestre eu me sentia realizada com o que eu tinha construído e aprendido, apresentei minha bactéria junto a minha dupla, meu então namorado Cláudio, e foi um sucesso.

**Figura 9 – Apresentação final da disciplina de Microbiologia**



**Fonte: Ryan Vieira, 2018.**

Na época, eu tinha uma grande dificuldade de visualizar um caminho profissional para trilhar que fosse diferente do que eu conhecia por meio dos meus pais e do PRECE. Muitos precisas e até mesmo meu pai, ao ingressar na universidade, entravam em laboratórios e chegaram a desenvolver a carreira acadêmica. Então, não seria estranho que ao ter essa experiência com a microbiologia chegasse a acreditar por um bom tempo que a área era a resposta para o sentimento de dúvida constante que me acompanhava no curso. Tudo estava tão morno, que ao menor sinal de faísca já me encontrava com expectativas extremamente altas e irrealis.

Além disso, mesmo tentando estimular a coragem dentro de mim, eu ainda tinha muitos medos, e o medo do desconhecido me apavorava mais que tudo. A ideia de ir atrás de sonhos que eu nunca vi pessoas ao meu redor alcançarem, parecia absurda e impossível. Eu não compreendia que talvez não existissem exemplos ao meu redor porque não tinham o interesse ou as ferramentas que eu tinha de perseverar e não porque meus sonhos em si eram impossíveis.

Ainda que a microbiologia não fosse a minha escolha para vida, não me arrependo de ter tentado investir na área. Por mais que parecesse um caminho mais próximo do que eu conhecia, ainda assim me arrisquei ao tomar a decisão de seguir na área, e isso para mim foi uma vitória. Sem perceber, essa decisão estava fazendo parte do meu processo de autoconhecimento, onde eu vivenciei para entender que não queria isso para mim.

Em 2018 havia decidido buscar me desenvolver na microbiologia, encontrei a professora Vânia para buscar uma vaga de IC em seu laboratório, mas já estava muito lotado. Minha outra chance seria tentando a monitoria da disciplina de Microbiologia Geral que eu havia cursado no semestre anterior. Não consegui vaga imediatamente, mas por conta da desistência de outros monitores, consegui uma vaga como voluntária.

Aprendi muito sobre organização, eu tinha uma rotina muito agradável, mas bem puxada. Como muita coisa na microbiologia precisa de esterilização e preparo, era necessária uma organização antecipada para que não faltasse material para as aulas, isso me ajudou muito com a minha procrastinação e apesar de ser uma rotina puxada eu me sentia muito satisfeita em estar fazendo o trabalho bem e com organização. No entanto, ainda faltava muito estudo para mim, me dediquei aos trabalhos mais manuais e práticos, e deixei de lado a teoria que, como monitora, era importantíssimo.

**Figura 10 – Confraternização de Natal da Profa. Vânia**



**Fonte: Autor desconhecido, 2018.**

Após a monitoria resolvi investir de forma mais acadêmica na microbiologia. Passei por duas entrevistas para laboratórios diferentes no Campus do Porangabussu, e decidi então ficar no laboratório de Micologia Médica no Centro especializado em micologia médica, CEMM, como estudante de Iniciação Científica. Permaneci no laboratório por 1 ano, onde passei alguns meses como voluntária e eventualmente como bolsista. O dia a dia no laboratório era relativamente tranquilo, eu ia acompanhar uma mestranda e seria orientada por ela. No entanto, não foi bem isso que aconteceu.

Sinto que fiquei na responsabilidade de alguém que assim como eu, estava aprendendo a transitar no meio científico, então meu progresso no laboratório foi bem lento e insuficiente. Demorei para perceber que aquele não era meu lugar, eu fazia tudo o que me era proposto e buscava estudar em casa para de alguma forma sentir que eu estava me desenvolvendo ali, mas os experimentos não iam para frente.

Quando retorno à memória da minha época de IC, fico perplexa com a minha capacidade de ignorar meus sentimentos durante aquele período. Durante boa parte da bolsa, os únicos momentos bons do meu dia no laboratório eram os que eu e meus amigos, Feynman e Mari, saíamos para lanchar/almoçar juntos e o momento de ir embora. Nenhum remetia às atividades de iniciação científica. Se, naquele período, eu me conhecesse pelo menos um pouco mais, soubesse identificar dentro de mim meus sentimentos e emoções que indicavam minha insatisfação de estar ali, eu poderia ter usado esse tempo para investir em outros interesses dentro da biologia.

Ainda assim, sinto que a experiência me ensinou a olhar mais para os sinais que meu corpo e minhas emoções me dão ao estar em um novo ambiente ou ao tomar a decisão de investir parte do meu tempo em algo. Foi a partir dessa experiência que comecei a fazer o movimento de olhar para o que fazia sentido manter na minha vida.

### **3.6 A rejeição pela Licenciatura**

Concomitantemente à experiência de iniciação científica, eu estava fazendo também disciplinas exclusivas da licenciatura. Apesar de haver uma grade curricular coerente com a formação do professor de biologia, na prática a vivência do estudante de licenciatura é um pouco diferente. Muitas vezes temos professores de outros cursos

ofertando as disciplinas não-biológicas, e nem sempre conseguimos os mais motivados e engajados a causa da educação.

Dessa forma, minha vivência nas disciplinas da licenciatura não foi suficiente para reacender minha paixão pela educação. Sinto que as disciplinas continham conteúdo teórico de forma consolidada nas ementas, mas não houve nenhum tipo de movimento dentro das disciplinas de estimular o senso de propósito dentro do coração do estudante de licenciatura.

A respeito das dificuldades que o professor passa no exercício da sua profissão no Brasil, elas sempre estiveram muito claras nas disciplinas. Era uma conversa muito constante no dia a dia do licenciando, mas porque não falávamos sobre alternativas? Sobre como resolver determinados tipos de situações em sala de aula? Sobre soluções? Na tentativa de validar as experiências difíceis dos professores em sala de aula, acabamos cristalizados no discurso negativo e sem esperança de melhora, paralisando assim a evolução da educação brasileira para algo mais integral e humano.

Nos estágios supervisionados, o cenário não foi muito diferente das disciplinas, principalmente no ensino médio. Decidi fazer a disciplina na Escola Estadual de Ensino Profissional Alan Pinho Tabosa, em Pentecoste. Queria ter a experiência de ser professora em uma escola com metodologia diferenciada, queria despertar minha motivação com a licenciatura, e essa era a escola perfeita para isso.

A escola inicialmente começou como uma parceria entre a Secretaria da Educação do Ceará (Seduc) e a UFC, que buscava a implantação da aprendizagem cooperativa em sala de aula com orientação e gestão pedagógica da escola. Foi criada uma metodologia de transição entre aprendizagem cooperativa e tradicional, que é utilizada atualmente em sala de aula, a metodologia ETMFA. De acordo com Andrade Neto *et al.* (2019), o foco transitório dessa metodologia está em uma etapa inicial de exposição do conteúdo da aula em um período de 20 a 30 minutos combinando com outras etapas que trazem a metodologia da Aprendizagem Cooperativa, que ao todo são: Exposição Inicial, Tarefa Individual, Meta Coletiva, Fechamento e Avaliação Individual.

No meu primeiro semestre de estágio da EEEP, por meio do ESEM I, fui supervisionada por uma professora de Biologia que ministrava as aulas do primeiro ano do ensino médio na escola. Naturalmente, a AC é diferente do que estamos acostumados

a ver acontecendo em uma escola tradicional, e acredito que ela por si só é uma grande ferramenta de transformação nos estudantes que mesmo ao se deparar com professores desmotivados, ainda assim a metodologia proporciona essa experiência diferenciada.

No entanto, não pude evitar o sentimento de frustração e lamento ao perceber que a metodologia estava sendo utilizada de forma mecânica e repetitiva pela professora responsável por me supervisionar. Etapas da ETMFA que existiam para permitir que o professor tivesse uma flexibilidade maior na hora de inserir os métodos cooperativos, acabavam sendo utilizadas para perguntas e respostas simples que não estimulavam o protagonismo e a cooperação nos estudantes; e que quando repassados da mesma forma pela milionésima vez acabava gerando desinteresse dos estudantes.

Me matriculei no ESEM II para realizar meu segundo semestre estagiando na escola, com alunos de 2º e 3º ano, e fui supervisionada por outra professora de Biologia da escola. Criamos um projeto sobre educação sexual para oferecer aos estudantes como disciplina itinerária, o que me deixou mais animada pois colocávamos nos estudantes a opção de escolher estar ali. A prática docente ali foi muito mais motivadora para mim e genuinamente divertida, diferente das outras experiências de estágio em que eu me encontrava com muita ansiedade e desconforto antecedendo às aulas.

O dia a dia na escola quando ia realizar o estágio me permitia visualizar a dinâmica de interação na escola entre os professores, entre os mesmos e os alunos, e entre os próprios alunos. O problema que eu havia notado na turma que eu era supervisionada, eu pude perceber vindo também de outros professores. Por meio do ESEM II pude ter uma perspectiva diferente da dinâmica escolar. Entrei em contato com uma narrativa de segregação entre os professores, em que os mais “militantes” e da comunidade LGBTQIA+ se sentiam excluídos e julgados pela outra parte do corpo docente.

Infelizmente, essa é uma narrativa comum em todos os locais de trabalho que reúne grupos heterogêneos de pessoas, mas, talvez por ingenuidade minha, eu acreditava que por ser uma escola agente de transformação e com uma metodologia que trabalhava ativamente questões de conflitos, não haveria questões tão sérias de problemas de comunicação. O ponto não era se era verdade que havia segregação ou

não, mas que durante as aulas, todos os dias, os professores trabalhavam com uma ferramenta que se aplicassem entre si, dificilmente se demorariam nessas questões.

Apesar de inicialmente me sentir frustrada com a professora em questão, eventualmente percebi que não se tratava de uma questão de falta de interesse. Sentia que uma parte da equipe dos professores não vivia a metodologia com propósito, claro que cada um com seus motivos para isso, mas ainda assim estavam perdendo a oportunidade de usar o laboratório perfeito para inovar e se motivar como professor.

Então, como havia aprendido nas minhas disciplinas de licenciatura, ao perceber esse aspecto negativo, me mantive com uma perspectiva de lamento em vez de reflexão e ação para mudança, me faltou coragem para lutar por uma realidade diferente. Cortella (2014), afirma que essa submissão a uma postura desanimada e cristalizada, é indício quase de uma perda do amor com a prática que estimula o encanto docente.

A educação para mim então perdeu a força, eu gostava de interagir com os alunos, gostava muito de biologia, tinha um olhar perceptivo muito forte para a área, mas dentro de mim não conseguia me sentir motivada por ela. Uma parte de mim acreditava que me tornando professora, eventualmente me encontraria no mesmo local que alguns professores da EEEP Alan Pinho Tabosa, desmotivados e seguindo um *script* sem emoção.

Por conta disso, desisti da docência como profissão. Eu buscava uma área que todos os dias, pelo resto da minha vida, eu continuasse escolhendo-a apesar de todas as dificuldades e limitações que fossem surgindo, e mesmo que amando a educação nos meus melhores dias, nos meus piores eu não queria ver nem pintada de ouro.

### **3.7 Escolhendo a Si**

O Ano de 2019 foi um ano de transformações em mim. Acredito que quando caem as estruturas que sustentam nossas crenças e percepções sobre a vida, é uma forma da espiritualidade de nos dizer que nosso estilo de vida não condiz mais com a realidade vivenciada por nós, mesmo que o medo da mudança seja grande demais para

tomar a iniciativa nós mesmos, e por muito tempo rejeitei a mudança. Por muito tempo permaneci infeliz por medo do novo.

No segundo semestre da graduação, iniciei um relacionamento com um amigo que havia ingressado no curso na mesma turma que eu. Éramos amigos companheiros, mas romanticamente tínhamos pouco em comum a ponto de que nossas incompatibilidades me causavam muito estresse emocional. Demoramos um tempo para perceber que a nossa relação romântica estava prejudicando nossa amizade e novamente me encontrei numa relação codependente onde o foco da minha vida se tornou o relacionamento. No início de 2019 esse relacionamento teve seu fim de uma forma muito turbulenta e desgastante, estava emocionalmente abalada e com autoestima destruída.

Me perceber em uma situação quase que igual ao último término e percebendo os movimentos cíclicos que eu tive durante os dois relacionamentos me deixou muito frustrada, não queria mais viver reproduzindo comportamentos de viver minha vida em função do outro e me sentia fraca demais para lutar contra isso sozinha. Decidi então iniciar terapia, que minha irmã tentava me convencer há tempos. Foi durante o processo terapêutico que pela primeira vez na vida tive que fazer o movimento de olhar para mim e somente para mim sem levar em conta de como seria percebida, julgada ou sentida. Pude então, mesmo que por 1 hora na semana, diminuir os ruídos externos e focar em mim.

Iniciei as sessões falando sobre minha vida romântica, no entanto logo ficou evidente que minhas questões tinham raízes muito mais profundas e antigas que eu imaginava. Foi a partir das sessões terapêuticas que pude ressignificar uma questão presente desde sempre na minha vida, a procrastinação.

O psicólogo Antônio Damásio (1996), compreende que estados emocionais negativos atrapalham o processo neurológico de raciocínio, levando a mente a não conseguir consolidar o conhecimento aprendido. Então, pude compreender que existia muito mais do que só preguiça alimentando meu vício em procrastinar, que muitas vezes minhas emoções estavam tão turbulentas que não sobrava energia emocional para me dedicar à vida acadêmica/profissional.

Daquele período em diante escolhi trabalhar comigo mesma, tomei a decisão de desconstruir todas as minhas crenças antigas que alimentavam comportamentos que me prejudicavam a curto, médio e longo prazo. A partir de então, retornei ao movimento que iniciei quando entrei na graduação, onde foquei em escutar meu corpo e minhas emoções na hora de decidir que rumos eu tomaria dentro do curso, e foi por meio dessa decisão que pude vivenciar as melhores experiências da minha graduação.

Uma delas foi a edição de 2019 do Censo do Periquito Cara-suja, que novamente a convite do meu amigo Hipólito pude conhecer e participar. Acredito que naquele momento, ele sentiu em mim o desejo que ele compartilhava de sentir a liberdade que a natureza proporciona. Foi um final de semana extremamente libertador para mim, eu não tinha dinheiro, não tinha perspectiva profissional, não tinha nem a certeza da Biologia, mas eu estava feliz, me sentia plena em estar ali contando periquitos com outras inúmeras pessoas igualmente maravilhadas como eu de estar vivenciando aquilo. Minha paixão pelas aves despertou ali e, desde então, a observação de aves tem sido uma atividade extremamente terapêutica que me faz sair da cabeça e retornar ao presente.

**Figura 11 – Censo Anual Periquito Cara Suja**



**Fonte: Autor desconhecido, 2019.**

Por conta dessa nova paixão desbloqueada, logo me inscrevi para fazer parte do primeiro Festival de Aves Migratórias Banco dos Cajuais que aconteceria em Icapuí pouco tempo após o censo, e consegui fazer parte desse evento. O tempo que passei em Icapuí foi mágico, os momentos culturais, aprender sobre as migratórias, a edição especial do Vem Passarilhar-CE no evento, o Mahalo Camping, o passeio de barco para o banco dos cajuais, e as praias maravilhosas; são memórias que eu guardo em mim e que representam o sentimento de liberdade que sempre existiu em mim.

**Figura 12 – I Festival de Aves Migratórias Banco dos Cajuais**



**Fonte: Autor desconhecido, 2019**

Essas duas experiências me fizeram redescobrir meu amor pela Biologia, e me instigaram a fazer novos planos para minha vida profissional, eu queria trabalhar com ornitologia e faria de tudo para que em 2020 eu pudesse me inserir no meio.

Concomitantemente a vivência com aves, eu vivia uma outra experiência que me transformou imensamente, a Mata Branca. Em 2017, ex-integrantes do D.A. decidiram juntos criar uma empresa júnior para o curso de Biologia. Acompanhei de longe

a construção e o desenvolver dela, assistindo amigos e colegas do curso passarem pelos processos seletivos que a empresa ofertava, mas nunca tinha me interessado em fazer parte pois sentia que sempre existia uma prioridade maior que me tomava o tempo que eu teria que ter para agregar a empresa.

No entanto, em 2019, reconheci um lado muito corajoso de mim que havia adormecido durante a graduação. Meu tempo agora estava mais livre, e eu ansiava mudança. Decidi fazer o processo seletivo da empresa júnior do curso, Mata Branca Soluções Ambientais, a convite de amigos que já faziam parte dessa iniciativa estudantil. Foi o respiro de ar fresco depois de tanto buscar motivação dentro do curso. Estudantes diferentes juntos por um propósito maior mostrava que novamente o protagonismo estudantil estava tomando espaço na minha vida. Foi por meio da empresa Jr que recordei um antigo sonho de cursar psicologia fazendo parte da diretoria de gestão de pessoas.

**Figura 13 – Imersão em Icapuí da Mata Branca Jr.**



**Fonte: Foto autoral, 2020.**

Enquanto tudo isso acontecia no segundo semestre do ano, eu não conseguia perceber no que influenciava dentro de mim. Acredito que se eu não tivesse renunciado

o antigo, que me parecia tão confortável até então, para dar espaço para o novo eu provavelmente teria desistido do curso naquele mesmo ano. O resgate de mim que essas vivências causaram, contribuíram quase que diretamente ao meu retorno para a educação atualmente, pois me conectaram com o meu propósito de ser agente de mudança social.

A vida definitivamente não ficou mais fácil no ano de 2020, como todos sabemos, mas as vivências que eu tive me ajudam até hoje a lembrar quem sou eu quando me perco dentro de mim mesma.

### **3.8 A pandemia e o reencontro com a Psicologia**

A pandemia causada pelo vírus da Covid-19 pegou muita gente de surpresa, muitas vidas, relações, sonhos, foram finalizados de forma antecipada sem qualquer tipo de preparo para tudo isso. Ninguém havia vivenciado tal acontecimento, e por mais que houvesse sugestões sobre como deveríamos agir e lidar com esse momento, nem tudo saiu como planejado.

Os primeiros a descumprirem as indicações para passar por esse evento mundial sem tantas mortes foram os representantes do desgoverno de Bolsonaro. O ex-presidente e seus comparsas, foram agentes de divulgação de *fake news* de forma explícita em coletivas de imprensas, onde diminuíram a gravidade da doença, desrespeitaram normas de segurança, sugeriram opções de tratamento sem respaldo científico e ativamente dificultaram o processo de compra de vacinas, de forma que nos levou a vivenciar um verdadeiro genocídio do povo brasileiro com o total de 707.286 mortes até então de acordo com o Ministério da Saúde (2023).

Os planos que havia feito para o ano foram todos atrapalhados pela pandemia. Havia iniciado 2020 com perspectiva de desenvolvimento profissional, estava apaixonada e trabalhando o autoconhecimento por meio da terapia; e ao final de março nada mais estava concreto. Inicialmente, minha família e eu conseguimos passar os primeiros meses de pandemia na casa que meu tio Adriano tem na Serra de Maranguape, o que acredito que contribuiu muito para que nossa família conseguisse estar em

segurança e ao mesmo tempo em contato com a natureza. Algo que nos ajudou no geral a lidar com tudo o que estava acontecendo.

Além disso, a Mata Branca continuou atuando, não por desrespeito ao momento, mas por sabermos que de alguma forma as atividades da empresa poderiam dar um propósito para conseguir levantar da cama. Eu fazia parte da diretoria de qualidade, em que éramos responsáveis pelo bem-estar dos integrantes da empresa e da qualidade dos nossos projetos/serviços ofertados. Alguns colegas de empresa decidiram não continuar, mas os que continuaram construíram vínculos muito fortes durante o período que ficaram.

Sempre me sinto muito grata em relação a empresa, pois percebo que parte do que me sustentou minimamente são nos primeiros meses de pandemia foram todos os projetos e momentos que tivemos juntos, principalmente a diretoria de Qualidade. Por mais que muitos não conseguissem compreender muito bem nossa função na Mata Branca, achando que era “ciranda”, acredito que as atividades que elaborávamos ajudavam a construir vínculos e sustentar a equipe nos momentos mais tensos da pandemia. Foram tantas reuniões, filmes, jogos, desabafos que tivemos juntos que mesmo com a distância hoje em dia, ainda carrego um imenso carinho por todos que estiveram na empresa entre 2020 e 2021.

Outro motivo que me traz um sentimento de extrema gratidão a nossa empresa, foi que ela me permitiu desenvolver um aspecto meu que até então era sentido somente pelos meus amigos, o cuidado, e conseqüentemente me lembrou um velho sonho de cursar psicologia. Lembro que na pandemia, nos meus piores dias, eu ainda amava cuidar das pessoas, ouvir, compreender, sentir o que elas viviam. Comecei a considerar a possibilidade de trocar de curso, mas eu já estava na reta final de Ciências Biológicas e também me parecia assustadora a possibilidade de voltar ao limbo profissional que era estudar para o ENEM novamente. Decidi então esperar por um momento mais propício para tomar decisões desse porte, um dia em que não houvesse milhares de pessoas morrendo por dia.

Sustentei minha saúde mental por um tempo, mas nada disso me impediu de eventualmente ficar com o emocional extremamente abalado. Eu ainda fazia terapia de forma remota, no entanto era extremamente difícil me manter são com tudo o que

acontecia no Mundo e no Brasil em específico. Com uma saúde mental que normalmente já apresentava sintomas de dificuldades, durante a pandemia ficou ainda pior, perdi grandes amigos por não ter capacidade mental e emocional de ser a amiga que sempre me orgulhei ser. Estrela *et al.* (2020) afirma que quando comparado o período normal ao pandêmico, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nos níveis de ansiedade, depressão e estresse entre os estudantes.

Os anos de 2020 e 2021 foram os mais difíceis da minha vida, cheguei ao ponto de não me reconhecer e lutar nas profundezas da minha mente contra a vontade de deixar de viver. Eu tinha pouquíssima energia para existir de forma funcional, não conseguia tomar banho com a mesma frequência, não conseguia lavar meus cabelos, não sentia fome nem vontade de comer (chegando a passar quase 2 dias sem comer), nem arrumar meu quarto ou lavar minhas roupas. Os dias eram longos e ao mesmo tempo tudo parecia passar muito rápido, alguns deles eu só sentia vontade constante de chorar e tinha uma imensa dificuldade de sair da minha cama.

O mundo pouco a pouco se encontrava transitando no novo normal, e eu ainda sem ter forças para sair daquela crise depressiva. Eu queria viver, queria retornar ao sentimento de liberdade que um dia eu havia sentido, mas se levantar da cama era extremamente difícil, avalie retornar aos meus antigos sonhos. Sinto que até hoje estou me recuperado daquela época, desde então tenho que estar alerta com minhas emoções. Se não desenvolvo uma rotina saudável com alimento, exercício físico, não é estranho me ver caindo sem perceber no início de uma nova crise.

No entanto, sou extremamente abençoada pelas pessoas que estão na minha vida, sem elas dificilmente eu teria conseguido me reerguer e muito menos estaria escrevendo meu TCC. Meus pais, minhas irmãs, meu namorado e meus amigos me sustentaram quase que literalmente durante esses últimos anos, sempre me lembrando de quem eu sou de verdade, e dando espaço para me descobrir uma pessoa diferente, sem pressão e com muito apoio.

A partir desse apoio, tive a oportunidade em 2022 de iniciar o curso de Psicologia na UNIFOR, o que me proporcionou uma visão mais ampla e bem mais esperançosa da vida. Em 3 semestres de curso, com disciplinas de neurociências, humanismo, psicologia da educação, saúde pública, eu pude ter uma perspectiva

diferenciada sobre a subjetividade humana. Tudo o que eu havia experienciado na vida ou em terapia, agora existia de forma palpável em mim. Era quase que uma validação constante de que as minhas vivências eram suficientes para me dar a segurança de atuar profissionalmente.

Pouco a pouco, fui me percebendo convencida de que eu não precisava seguir um caminho só porque era o mais conhecido, que eu tinha respaldo para construir a vida que eu quisesse, pois no fim do dia era a minha vida. Eu não precisava ser somente uma psicóloga, ou somente uma professora, ou somente uma gerente de pessoas em uma empresa, eu podia ser o que eu quisesse e no tempo que eu quisesse, contanto que eu sustentasse a vida que eu escolhesse.

Então, a partir dessa nova graduação, percebi que havia reencontrado a motivação para concluir o curso e me tornar verdadeiramente professora. Agora com o propósito no meu coração de realizar uma prática docente alicerçada na autonomia, no autoconhecimento e no cuidado para que mesmo diante das inúmeras adversidades que a profissão traz, eu continue firme e constante levando uma docência transformadora e verdadeiramente emancipatória.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluo a partir da minha narrativa autobiográfica a descrição das experiências em que a autonomia e o autoconhecimento me trouxeram reflexões importantes como futura docente. Senti cada momento importante de meu trajeto e pude me perceber mais humana e acolhedora, ao analisar dentro desse processo de escrita de mim, as vivências e experiências que me trouxeram até aqui. Esse mergulhar na minha trajetória, sem dúvida gerou e alimentou em mim ainda mais a sede pelo autoconhecimento. Analisar e me permitir ressignificar vários momentos em que me enxerguei de forma negativa ou incompleta por mera falta de autoconhecimento, e então me ver de forma mais cuidadosa, empática e completa até então.

Por meio da minha história, pude consolidar em mim a noção de que ser autônomo não significa caminhar de modo individual, mas ter competência para buscar se compreender e seguir uma trajetória coerente com o meu sentir, e conseqüentemente

perceber e estimular o mesmo com o outro, a fim de agir por meio de uma docência transformadora e consciente. Não preciso, e nem acredito que precisemos que alguém valide nosso sentir ou viver, pois só o fato de existirem os sentimentos e vivências já se concretiza a autenticidade da sua própria história, independentemente de ser algo considerado “certo” ou “errado”.

Por fim, agora me sinto preparada para seguir o desejo que me fez escolher ser professora, estimular o mesmo que vivi e senti no outro, agindo por meio de uma docência transformadora, consciente e emancipatória.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE NETO, M.; AVENDAÑO, A. A.; QUEIROZ, T. F. M. **Guia Prático para Elaboração de Planos de Aula em Aprendizagem Cooperativa e Solidária**: técnica de transição metodológica: ETMFA. Fortaleza: Instituto Coração de Estudante, 2019.
- BROWN, B. **A coragem de ser imperfeito**. Nascente, 2023.
- CORTELLA, M. S. **Pensatas pedagógicas**: nós e a escola: agonias e alegrias. Petrópolis: Vozes, 2014.
- DAMÁSIO, A. **O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DE FREITAS, Luiz Carlos. **A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias**. Expressão popular, 2018.
- ESTRELA, F. M. *et al.* Covid-19 e doenças crônicas: impactos e desdobramentos frente à pandemia. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S. l.], v. 34, 2020.
- FERRAROTTI, F. **História e histórias de vida**: O método biográfico nas ciências Sociais; Tradução Carlos Eduardo Galvão, Maria da Conceição Passerggi. Natal: EDUFRN, 2014.
- FREIRE, P. **PEDAGOGIA DA AUTONOMIA**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JOHNSON, D. W. *et al.* Impact of group processing on achievement in cooperative groups. **The Journal of Social Psychology**, [S. l.], v. 130, n. 4, p. 507-516, 1990.
- JOHNSON, D. W.; JOHNSON, Roger T. Positive interdependence: Key to effective cooperation. **Interaction in cooperative groups**: The theoretical anatomy of group learning, [S. l.], p. 174-199, 1992.
- JOSSO, M. C. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LANI-BAYLE, M. Histórias de Vida: Transmissão Intergeracional e Formação. *In*: PASSEGGI, M. da C. (org.) **Tendências da Pesquisa (auto)biográfica**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- MILLER, A. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. Grupo Editorial Summus, 1997.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Coronavírus Brasil**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2023.
- MOREIRA, D. Z.; RODRIGUES, M. B. Saúde mental e trabalho docente. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 23, n. 3, p. 236-247, 2018.
- ROGERS, C. R. **Terapia centrada no cliente**. Edial: Editora da Universidade Autónoma de Lisboa, 2003.

SOUSA, F. M. de. **Aprendizagem cooperativa em aulas de química**: análise da correlação entre desempenho acadêmico e cooperativo versus responsabilidade individual e interação promotora na escola estadual de educação profissional Alan Pinho Tabosa em Pentecoste-CE. 2015.

TURNER, J. E.; HUSMAN, J.; SCHALLERT, D. L. The importance of students' goals in their emotional experience of academic failure: Investigating the precursors and consequences of shame. **Educational Psychologist**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 79-89, 2002.

WOHL, M. JA; PYCHYL, T. A.; BENNETT, S. H. I forgive myself, now I can study: How self-forgiveness for procrastinating can reduce future procrastination. **Personality and individual differences**, [S. l.], v. 48, n. 7, p. 803-808, 2010.

XIMENES, V. M.; MOURA Júnior, J. F. Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. **Psicologia e contextos rurais**, [S. l.], v. 1, p. 453-476, 2013.